

Nasci e Cresci com o ECA



Nasci e Cresci com o ECA



São Luís
2008

Nasci e Cresci com o ECA

Realização: Agência de Notícias da Infância Matraca

Parceria: UNICEF São Luís

Patrocínio: Vale

Equipe

Concepção original: Eliana Almeida e Immaculada Prieto

Edição final: Lissandra Leite

Produção: Marcelo Amorim e Jeane Pires

Entrevistas: Débora Andrea Sousa, Érica Roberta Silva Gomes, Gabriela Arruda de Farias,

Joabe Alves de Souza, Milton Roberto da Silva Braga Martins, Nicéia Lúcia Martinho (apoio),

Francisca Melo Cigapito (tradutora de Libras)

Fotos: Márcio Vasconcelos

Projeto Gráfico: Ronilson Freire

Fotolitos e impressão: Estação Gráfica

Contatos

Agência de Notícias da Infância Matraca Rua 13 de Maio, 59 – Centro

CEP. 65010-600 – São Luís - Maranhão

Telefax: (98) 3254.0210

E-mail: agencia@matraca.org.br

Home-page: www.matraca.org.br

UNICEF São Luís

Santo Antônio, 246 – Centro

CEP. 65010-590 – São Luís - Maranhão

Telefax: (98) 4009.5700

E-mail: saoluis@unicef.org

Home-page: www.unicef.org.br

É permitida a reprodução, desde que citada a fonte.

M433n MATRACA, Agência de Notícias da Infância.

Nasci e cresci com o ECA / Org. Lisandra Leite.

– São Luís : [s.n.], 2008.

120 p.

1. Jovem. 2. Juventude – aspectos sociais. 3. Estatuto da Criança e do Adolescente. I. Título. II. MATRACA, Agência de Notícias da Infância. III. Lisandra Leite.

CDD 305.2.35

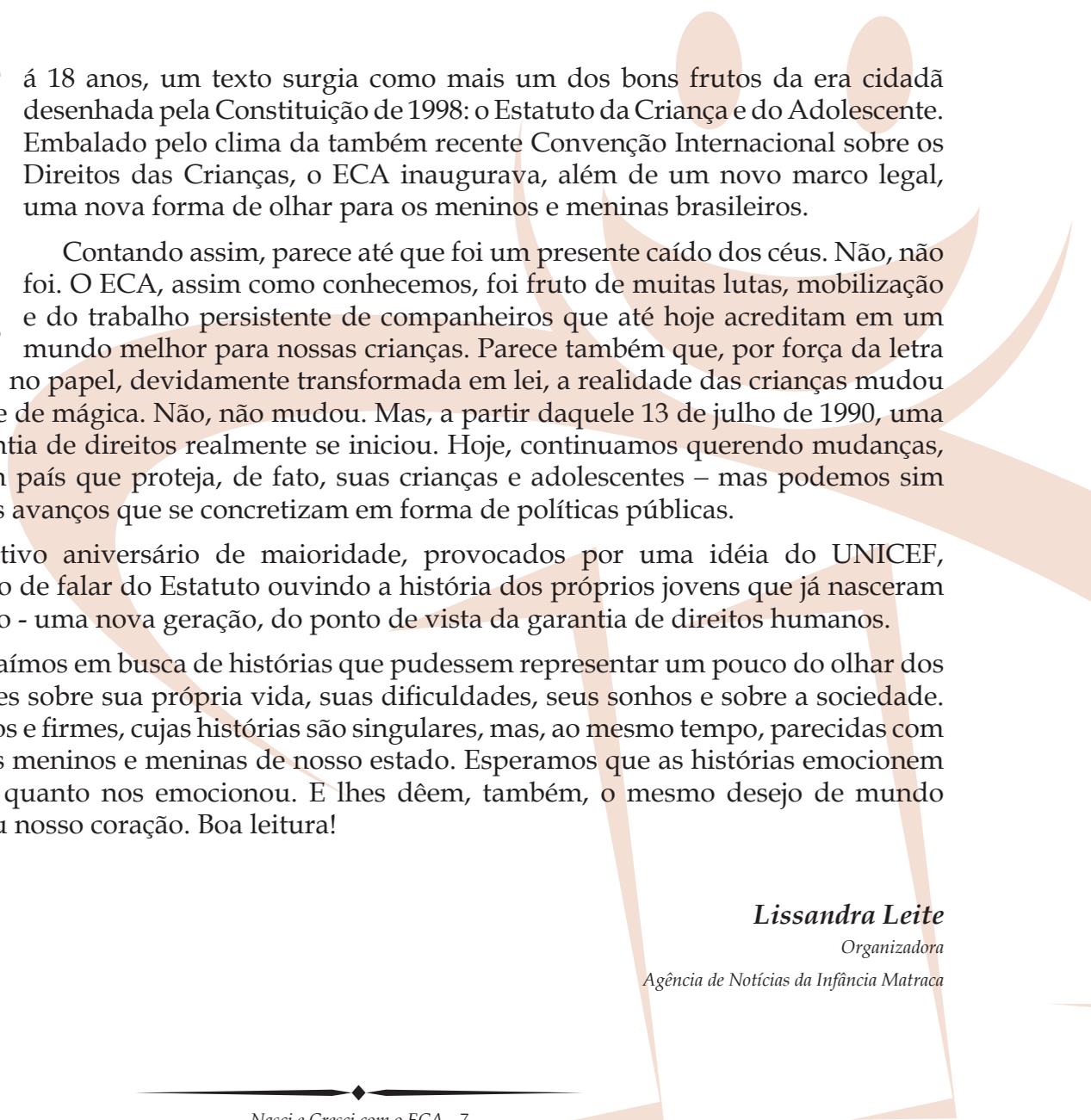
Índice para catálogo sistemático:

1. Juventude – aspectos sociais 305.235

Lissandra Leite
Organizadora

Nasci e Cresci com o ECA





H

á 18 anos, um texto surgia como mais um dos bons frutos da era cidadã desenhada pela Constituição de 1998: o Estatuto da Criança e do Adolescente. Embalado pelo clima da também recente Convenção Internacional sobre os Direitos das Crianças, o ECA inaugurava, além de um novo marco legal, uma nova forma de olhar para os meninos e meninas brasileiros.

Contando assim, parece até que foi um presente caído dos céus. Não, não foi. O ECA, assim como conhecemos, foi fruto de muitas lutas, mobilização e do trabalho persistente de companheiros que até hoje acreditam em um mundo melhor para nossas crianças. Parece também que, por força da letra no papel, devidamente transformada em lei, a realidade das crianças mudou como em um passe de mágica. Não, não mudou. Mas, a partir daquele 13 de julho de 1990, uma nova fase de garantia de direitos realmente se iniciou. Hoje, continuamos querendo mudanças, sonhando com um país que proteja, de fato, suas crianças e adolescentes – mas podemos sim comemorar muitos avanços que se concretizam em forma de políticas públicas.

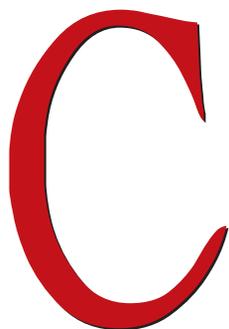
Neste significativo aniversário de maioridade, provocados por uma idéia do UNICEF, aceitamos o desafio de falar do Estatuto ouvindo a história dos próprios jovens que já nasceram sob este novo signo - uma nova geração, do ponto de vista da garantia de direitos humanos.

Foi assim que saímos em busca de histórias que pudessem representar um pouco do olhar dos jovens maranhenses sobre sua própria vida, suas dificuldades, seus sonhos e sobre a sociedade. São jovens corajosos e firmes, cujas histórias são singulares, mas, ao mesmo tempo, parecidas com as de tantos outros meninos e meninas de nosso estado. Esperamos que as histórias emocionem você, leitor, tanto quanto nos emocionou. E lhes dêem, também, o mesmo desejo de mundo melhor que encheu nosso coração. Boa leitura!

Lissandra Leite

Organizadora

Agência de Notícias da Infância Matraca



omeçamos o ano de 2008 com três marcos históricos para celebrar: os 18 anos do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), os 20 anos da Constituição Federal Brasileira e os 60 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Diante destas conquistas essenciais para a garantia dos direitos humanos de cada criança e adolescente brasileiro, não podíamos deixar passar a oportunidade de refletir sobre essa história. Queríamos compreender especialmente como o ECA abriu caminhos para uma nova geração no estado do Maranhão. Saber como importantes avanços, mas também persistentes desafios se deram na vida cotidiana dos meninos, meninas e suas famílias.

Para tanto, ficou claro que deveríamos ouvir as próprias crianças – hoje adolescentes – que nasceram junto com a legislação, no ano de 1990, e que agora completam 18 anos, chegando à maioridade. As suas histórias, contadas por elas mesmas, seriam uma fonte viva de informação e reflexão sobre a realidade.

Logo encontramos o sensível apoio da Área de Comunicação e Relacionamento com a Comunidade da Vale, no Maranhão, bem como a dedicada parceria da Matraca – Agência de Notícias da Infância para dar vida ao projeto Nasci e Cresci com o ECA, histórias de adolescentes maranhenses.

Jovens estudantes de Jornalismo foram envolvidos no processo de trabalho, com 18 entrevistas de história de vida realizadas em diferentes municípios e comunidades do Maranhão. Os ouvidos respeitosos da equipe de entrevistados, os olhos atentos do fotógrafo e as mãos certas dos editores e designers resultaram neste valioso livro.

Desejamos que ele inspire outras crianças e adolescentes a serem protagonistas de suas histórias e contribua para que os adultos cada vez mais reconheçam a importância da prioridade absoluta da infância e adolescência na nossa sociedade.

UNICEF São Luis



Joana



Rayara



Natália



Jose



Jonas



Jackson



Glaidston



Fernando



Erinaldo



Enilson

Dejane

Luan

Andréia

Janaina

Atalício

Aliete

Sarah

Aliete

A decorative flourish consisting of a horizontal line with a small diamond shape in the center, positioned below the word "Aliete".



Meu nome é Aliete. Foi um nome escolhido pela minha bisavó paterna, de quem não lembro mais o nome... Ela gostava de correr atrás da gente com um pau, mas era muito legal, mesmo assim.

Eu sempre gostei muito dos meus avós. Os pais da minha mãe já não estão vivos, mas lembro bastante deles, pois sempre os visitava, quando era criança. Hoje, quem mora em frente à minha casa é minha avó paterna, Elza, que já está aposentada. O marido dela, pai do meu pai, eu não conheci, pois ele morreu em um acidente de caçamba logo que eu nasci. Só sei que era mecânico, como eu.

Minha mãe é baiana e morava lá, mas um dia a sua família resolveu vir para o Maranhão tentar uma vida melhor. Eles tinham parentes aqui, o que facilitou a vinda. Só que, ainda hoje, ela fala em voltar pra lá.

Quando minha mãe era jovem, teve muito apoio dos pais dela, que sempre davam o que ela queria. Ela era a mais velha e a mais mimada. Eles não tinham grandes dificuldades financeiras, só vieram pra cá porque estavam em busca de mais oportunidades de crescimento.

Já com meu pai, a situação foi diferente. Os pais dele o incentivaram a trabalhar muito cedo, eram mais rígidos, “militares” mesmo. Ele tinha que acordar muito cedo e fazer uma série de tarefas diárias no sítio onde moravam, no bairro do Maracanã, aqui em São Luís. Depois tinha a escola, a oficina... Estudava de manhã e trabalhava à tarde. Meu pai e seus irmãos não tinham muito lazer: não eram de frequentar festas e nem podiam namorar, pois minha avó não deixava. Dizia que eles podiam ir aos lugares, mas na hora rasgava a roupa deles para não saírem. Até hoje ela é meio assim.

Mesmo com este jeito dela, meu pai e minha mãe namoraram e casaram muito cedo: ele com

18 anos e ela com 17. Ele ainda não trabalhava, só minha mãe, por isso, quando casaram, foram morar na casa do meu avô paterno e as duas famílias os ajudavam. Como eles não são de falar muito, sei pouco sobre essa época. Sei que quando eu nasci eles já tinham a casa deles, mas a situação não era tão fácil, pois meu pai era motorista e viajava muito. Decidiram ter filhos um atrás do outro e minha mãe cuidava de tudo sozinha. Com o tempo é que a situação foi melhorando...

A minha infância foi muito boa, mas teve alguns problemas, porque meu pai não foi um pai de verdade, ele não dava muito carinho, nem conversava muito com a gente: era muito bruto. Já minha mãe era mais carinhosa, atenciosa e dava conselhos sobre as coisas. Eu não podia sair pra brincar na rua, pois meu pai não deixava. Só brincava escondida. Quando me achavam, eu apanhava. Eu nunca tive a liberdade de brincar, nem o prazer de ir à praia. Até os meus 15 anos, fui uma única vez à praia e ao parque. Mesmo assim, eu gostava muito de jogar *queimado* e brincar de comércio – a gente arrumava uns *bagulhos* lá na rua e começava a vender.

Na verdade, fui criada sem a liberdade de fazer nada. Se o horário de saída da escola é onze e meia, ao meio-dia tenho que estar em casa. Eu também não posso ir à casa de amigas minhas, pois ele não deixa. Nem ficar na porta

da rua, conversando com ninguém. Um dia eu estava na porta e alguém chegou de carro, eu pensei que ele iria sair na porta e saí correndo. Acabei batendo e quebrando minha cabeça num poste. Tenho a cicatriz até hoje. Naquele dia, ele descobriu, e acabei apanhando também. Mesmo agora, quase nunca saio. Nos finais de semana costume fica em casa, vendo TV.

Atualmente, moramos eu, minha mãe, meu pai e minha irmã mais velha, a Algiteângela, que é a que tem mais coragem pra enfrentar meu pai e, por causa disso, conseguiu mais liberdade. Tenho mais uma irmã, a Ariádna, mas ela já casou – era a mais calma de nós.

Nossa casa era bem humilde, a gente não tinha quase nada. Todos dormiam em rede. Tinha uma mesa, um fogão... Mas nunca passamos fome. Só não tínhamos coisas muito caras, não ganhávamos todos os presentes que queríamos. Às vezes, eles não podiam me dar. Hoje, entretanto, eles não dão porque não querem. Desde meus 15 anos tudo o que tenho foi comprado com o dinheiro que consegui trabalhando. Meu pai era do tipo que dava as coisas só se eu fizesse tudo do jeito dele, caso contrário, ele tomava de volta.

Agora vivemos bem melhor do que antigamente. A casa tem o quarto dos meus pais, tem um terraço, sala, cozinha e banheiro e temos mais móveis. Temos tudo para que possamos nos sentir à vontade, mas eu ainda

divido um quarto com minha irmã e com minha prima, que dorme lá em casa.

Minha primeira escola foi o Jardim de infância Peter Pan, na Cohab – bairro onde moro. Estudei lá até o 3º período. Depois, passei todo o Ensino Fundamental no [Unidade Integrada] Cônego Ribamar Carvalho. O ensino médio foi dividido entre o Cegel [Complexo Educacional de Ensino Fundamental e Médio Governador Edison Lobão] e o César Abud. Como meu pai pegava no meu pé, eu sempre gostei muito de estar na escola. Eu tinha muitos amigos e professores que me davam força, quando eu chegava chorando no colégio. Meu pai sempre me insultou, desde criança. Tinha dia que eu ia contente porque ele não brigava, tinha dia que ia triste.

Meu primeiro trabalho foi no Movimento Estudantil Independente (MEI). Eu ganhava uma ajuda de custo e comprava roupas pra mim. Não era muito dinheiro, mas era o suficiente para resolver algumas coisas importantes. Eu estudava de manhã e ficava lá a tarde toda, mobilizando as escolas da capital e do interior. Eu ia às escolas e conversava com os grêmios para saber o que estavam fazendo, o que estava faltando para eles, se eles estavam tendo algum tipo de impedimento na execução das atividades nas escolas em que atuavam, dava dicas...

Só depois entrei no curso de mecânica do Centro de Ensino Profissionalizante do Maranhão (CEPROMAR), através do Consórcio

Social da Juventude. Meu pai, como sempre, me criticou. Eu saía pro curso e ele dizia: “Ah! Essa daí tá indo é pra motel, tá indo atrás de macho, tá indo é *vagabundar*”. Uma discriminação! Ainda assim, eu sempre me esforcei pra mostrar que não era verdade o que ele dizia: tirei 10! Mas ele não deu o braço a torcer. Quando eu consegui a vaga de estágio ele ficou questionando o que eu tinha feito pra merecer isso. Ironizava que eu tinha “dado umas voltas” com os professores pra conseguir as coisas. Mas eu nem ligava. Chorava, mas nem ligava... Agora ele quer me tirar do estágio, só porque eu estou indo super bem. Diz que os meninos estão ficando comigo. Eu nem sei por que ele fala isso. Dá até raiva de ouvir essas coisas. Isso não tem lógica...

A minha mãe ouve tudo calada, mas como ela depende do meu pai, não bate de frente com ele. Mas eu acho até bom que ela não se meta nessas brigas. Deixa que eu me resolvo com ele. A minha mãe é uma pessoa super boa, todo mundo gosta dela. É super educada, trata todos bem. Ela sempre *coloca a mão no fogo* por mim. Por isso, nunca fiz nada de errado. Sei que, se fizesse, estaria destruindo a minha vida e a dela.

Às vezes penso em largar a mecânica, porque meu pai todo dia *azucrinar* minha vida. Puxa, eu faço aquele esforço... Eu sei que não é um serviço fácil, é muito pesado, não é todo mundo que quer. Então eu chego em casa e,

em vez de ser recebida com parabéns, recebo insultos. Mas aí minha mãe diz: “Não desiste, tu vais vencer”. E eu vou em frente.

Meu pai é uma pessoa responsável, mas difícil de lidar. Ele é chato, muito ignorante. Só trata bem quem ele quer e quando quer. Eu nem troco idéia com ele, porque não gosto de discutir.

Na verdade, eu comecei a trabalhar porque não gosto de pedir as coisas mais de uma vez. Um dia, pedi uma coisa pra minha mãe e ela não me deu. Então decidi me virar, afinal, não sou impotente. Procurei a forma que achei mais fácil. Eu não fui *rodar bolsinha*, como alguns fazem. Apesar da mecânica ser algo pesado, eu achei melhor, já que conseguir emprego em escritórios e supermercados é mais difícil. Quem sabe não consigo algo melhor? Às vezes, a gente começa do zero. Trabalhar foi uma necessidade minha. Não uma necessidade financeira, mas de independência.

Hoje, o meu maior sonho pessoal é me formar em Engenharia Mecânica e ser independente, morar sozinha. A minha irmã já está na faculdade, que meus pais pagam pra ela. Essa é minha indignação maior... Não é que eu sinta inveja dela, mas é que ela é a filha preferida deles. Tudo que ela pede, eles dão. Até o céu, se ela pedir, eles dão. O que me dá mais raiva é que eu sempre os sirvo, mas todo bem que eles recebem é pra ela.

**“ Trabalhar foi uma
necessidade minha.
Não uma necessidade
financeira, mas de
independência. ”**

Para as crianças e adolescentes, o que eu queria é que todas tivessem direito à liberdade. Liberdade que eu não tive – de brincar, de se divertir, de estar à vontade. Toda criança precisa e tem o direito a um momento de diversão. Não pode viver só de estudo. Eu vivi estudando e trabalhando. Eu estudava de manhã, quando chegava, ainda ia limpar quintal e fazer outras coisas, só descansava à noite, assistindo televisão, quase dormindo de cansada. Foi assim toda minha infância.

Também acho que elas precisam ter respeitado o seu direito à livre expressão. Quem me deu essa consciência foi o movimento estudantil. Quando me convidaram, eu recusei porque meu pai não deixaria. Mas eu pensei bem e decidi encarar: falei com ele e comecei a trabalhar. Ia ao interior para mobilizar as escolas de lá também. Depois de um ano, ele viu que

nada aconteceu, que eu não tinha engravidado. É, porque a maior preocupação dele era que eu ficasse grávida. Às vezes ele falava: “Olha essa barriguinha para não crescer”.

O movimento estudantil me mostrou que para tudo na vida tem que ter esforço. Tinha dia que a reunião era à noite, eu ficava com medo do meu pai não deixar, mas também não queria ficar por fora do que estava acontecendo. A partir dos embates que eu tinha com meu pai para poder participar do movimento foi que eu consegui conquistar meus direitos dentro de casa.

“ Nem sempre os direitos das crianças e adolescentes são respeitados. Eu dou o exemplo da greve da meia passagem, quando os estudantes apanharam por um direito que era deles. ”

Mas nem sempre os direitos das crianças e adolescentes são respeitados. Eu dou o exemplo da greve da meia passagem, quando os estudantes apanharam por um direito que era deles. Já da minha vivência, vejo o caso da minha vizinha, que foi buscar uma menina no interior para trabalhar na casa dela e não cansa de bater nela. Eu não denuncio porque já até perguntei para a menina se batem nela, mas ela não diz nada por ter medo deles. Quando eu pensei em denunciar, pensei em ir ao Centro de Defesa [dos Direitos] da Criança e do Adolescente. Sei que existe o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e que ele estabelece os direitos e deveres das crianças e dos adolescentes. Mas, na verdade, eu sei pouco sobre ele. E por causa deste pouco conhecimento, nunca o usei para reivindicar nada. Mesmo assim, vejo que o ECA tem tudo a ver com a minha vida, especialmente em relação ao direito ao lazer, que eu deveria ter tido de fato.

Bom, é esta a minha história. Eu achei muito bom contá-la. É uma oportunidade que nem sempre aparece. Não é qualquer pessoa que chega para escutar uma história como essa minha. É bom desabafar. É uma história contada e, ao mesmo tempo, um desabafo.

Adolescente aprendiz

Ao contrário da maioria dos adolescentes envolvidos com o mundo do trabalho, Aliete entrou pela melhor porta: a da aprendizagem.

O artigo 60 do Estatuto da Criança e do Adolescente define que é proibido qualquer trabalho a menores de 14 anos de idade, salvo na condição de aprendiz, com registro em carteira como tal, garantindo-se todos os direitos vigentes na legislação trabalhista.

A aprendizagem pressupõe a matrícula e a frequência do adolescente na escola, caso não tenha concluído o Ensino Fundamental, além de inscrição em programa de formação técnico-profissional sob orientação de entidade qualificada.

Cabe ao Estado incentivar e fiscalizar a aplicação correta da legislação que trata do assunto, através de políticas públicas para o setor. Assim nasceu o Consórcio Social da Juventude, programa do Governo Federal que possibilita aos jovens o acesso a cursos de formação profissionalizante e a inserção no mercado de trabalho.

O Centro Educacional e Profissionalizante do Maranhão (CEPROMAR) é uma das organizações que, aliadas ao Consórcio local, promove a qualificação profissional de jovens na cidade de São Luís.

Andréia

A decorative flourish consisting of a horizontal line with a small diamond shape in the center, positioned below the name Andréia.



Meu nome é Andréia, nasci em São Luís e tenho oito irmãos, dos quais sou a caçula. Dos meus avós maternos, cheguei a conhecer só o meu avô, pois minha avó faleceu muito cedo, quando minha mãe tinha só 12 anos. Eles moravam em um sítio em Icatu, interior do Maranhão, por isso eu não sei bem a história deles. Hoje em dia meu avô tem 92 anos e mora aqui em São Luís, com meu tio. De vez em quando eu faço contato com eles. Às vezes eu falo:

- Vô, o senhor tá se lembrando de mim?
- Não lembro... Quem é você?
- Eu sou filha da sua filha!
- Andréia?
- É, eu sou Andréia!
- Não... Não sei.

Quando eu digo que eu sou aquela que ele

olhou na televisão [*em uma apresentação do Circo Escola*], então ele lembra e fala: “Ah! Andréia... Sei... Eu chorei foi muito. Ah, é você, Andréia?”

Já os meus avós paternos eu cheguei a conhecer: moravam na cidade de Caxias (MA). Meu avô faleceu quando eu tinha nove anos, mas minha avó ainda mora lá e, de vez em quando, a gente entra em contato com ela ou ela mesma liga, mas não temos esse contato direto. Eu só fui uma vez lá e não tenho muita lembrança.

Tanto a família do meu pai, quanto a da minha mãe, viviam mal financeiramente. Por isso, eles começaram a trabalhar cedo e tiveram uma vida muito complicada. Desde criança meu pai trabalhou em roça, até que veio para São Luís e trouxe os irmãos, que ele mesmo criou, no bairro do Goiabal. Minha mãe, por sua vez, veio embora de Icatu para trabalhar em *casa de família*, também para poder sustentar os irmãos.

Meus pais se conheceram em uma escola em São Luís, na época das festas juninas. Eles formavam par em uma dança. Minha mãe – muito brava – não gostou, não foi com a cara dele. Mas aí, ficou aquela coisa: briga e junta, briga e junta e... *Rolou*. Ela tinha 17 anos e trabalhava em *casa de família* e ele em uma empresa. Meu pai morava em uma casa bem pequena, daí minha mãe engravidou e foi morar lá também. Como não deu certo, eles foram para Caxias, moraram um tempo lá e tiveram três filhos. Lá também não deu certo e eles voltaram para São Luís.

A nossa casa era de taipa e pequena mas, apesar das dificuldades, quando eu era criança, bem criança, nós éramos uma família unida, feliz. Com o tempo, vieram as brigas e a separação dos meus pais. Eu tinha 9 anos e sofri muito, porque era muito apegada a ele. A separação aconteceu porque ele arrumou uma amante. Passou um ano fora de casa, depois foi à minha casa como quem não quer nada, viu a situação e voltou.

A minha infância foi sofrida. Quando os meus pais se separaram, tudo veio por água abaixo. Quando ele voltou, tivemos que começar tudo de novo. Eu comecei a trabalhar na rua junto com a minha mãe, que era *camelô*. Meu pai ficou desempregado.

Na infância, ir à escola era difícil. Eu faltava às aulas porque tinha que ir trabalhar com a

“ Na infância,
ir à escola era
difícil. Eu faltava
às aulas porque
tinha que ir
trabalhar com
a minha mãe. ”

minha mãe. De manhã eu ia trabalhar, por volta de 10:30h eu voltava em casa para pegar o almoço de minha mãe. Como eu estudava à tarde, chegava atrasada e não entrava mais, acabava perdendo aula. Quando eu conseguia entrar na escola, na saída eu ia trabalhar novamente e ficava até às dez da noite. Trabalhava na Rua de Santana como camelô e ia para a Rua Grande, depois que liberavam a rua, para poder trabalhar. Depois eu ia para casa. Quase todos os dias era assim, a mesma coisa...

Foi assim, ajudando a minha mãe, que comecei a deixar de lado a minha infância. Eu me preocupava muito com a situação que via em casa. Eu sofri muito, porque era briga quase

todos os dias. A mais afetada com tudo isso era eu, a menor de todos.

Ainda assim, encontrávamos tempo para brincar com os meus irmãos de casinha, boneca e outros tipos de brincadeira. Nós inventávamos os nossos próprios brinquedos, que reciclávamos a partir dos materiais que mamãe comprava: com garrafa PETI a gente fazia *vai-e-vem*, com a lata de sardinha fazíamos carrinho. Às vezes, mamãe dava brinquedo pra gente, mas só em época especial: Dia das Crianças, Natal. Ela vendia brinquedos e sempre agradava os filhos.

Também passei por várias situações complicadas, vivi coisas horríveis. Uma delas foi o abuso que sofri em minha própria casa, quando o marido da minha irmã morava conosco. Muitas vezes, quando eu estava dormindo, ele vinha. Quando eu me espantava, ele já estava em cima de mim, me apalpando... uma coisa horrível, não gosto nem de lembrar. Eu sofri muito porque ele era casado com minha irmã e ela podia não acreditar se eu contasse. Eu chorava muito, não conseguia dormir. Lá em casa tinha quatro cômodos e eu dividia o quarto com minha irmã e ele. Às vezes ela saía e eu, que sempre dormi cedo, tinha que ir dormir com os meus irmãos, que me mandavam de volta pra minha cama, sem saber de nada. De lá eu ia para o quarto da minha mãe, dizendo que estava tendo pesadelos... Essas coisas eu

nunca contava pra ninguém e hoje, na verdade, nem todos sabem. No começo, quando minha irmã soube, não acreditou em mim, como eu imaginava. Ela dizia que ele não teria coragem de fazer isso. Hoje ela está separada dele e sabe o crápula que ele é. Quando eu contei, meu pai não o aceitou mais lá em casa. Eles chegaram a discutir, brigar e meu pai botou ele para fora de casa. Foi o tempo que fiquei mais tranqüila.

Aos 13 anos eu fui para o Circo Escola. Uma pessoa falou para minha mãe que não achava certo eu ficar trabalhando, que eu era muito novinha e que eu devia conhecer o projeto. Então eu tive vontade de conhecer como era, pois eu estava me sentindo muito prejudicada. Minha mãe concordou. Lembro que ela disse:

– Minha filha, você está perdendo aula e não está tendo o direito de viver como uma adolescente.

Foi no Circo Escola que conheci o Estatuto da Criança e do Adolescente e recebi apoio para mudar minha vida. Lá eu tive uma família que me ajudou bastante. Tinha o teatro e a professora sempre apoiava a gente, falava como era a realidade das ruas, dava conselhos. Se eu queria desabafar com alguém, lá eu tinha quem me ouvisse.

Mesmo com o Circo, eu me preocupava bastante em trabalhar. Minha família estava sofrendo financeiramente, foi uma época muito pesada pra gente. Assim, eu comecei a cantar,

desde os 13 anos. Saía à noite pra trabalhar e minha mãe me autorizava a viajar, fazer apresentações em outras cidades. Cantava em uma festa e ganhava um trocado que dava pelo menos para comprar meu material e passe escolar. Sempre naquela preocupação de quem trabalha e estuda. Quando eu percebia que estava relaxando os estudos, pensava: “Andréia, o que é isso? Bola pra frente! Você tem que estudar!”. Então eu me dedicava bastante e

recuperava as notas. Minha adolescência foi de bastante trabalho e dedicação.

Hoje, continuo cantando. Penso que posso viver a minha vida sobrevivendo da arte. O meu sonho é me estruturar financeiramente para ajudar minha família, me formar. Também desejo sempre que as crianças e adolescentes tenham oportunidade de ter uma vida digna e não passem pelas coisas ruins que passei nas ruas e em casa.

Do trabalho para a arte

De acordo com dados do IBGE, através da Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílio (PNAD), o Maranhão é segundo estado no ranking de crianças e adolescentes em situação de trabalho infantil do Nordeste, perdendo apenas para o Ceará.

O trabalho infantil é uma questão complexa, que se relaciona com outras situações de risco, como estar nas ruas, o que aumenta a vulnerabilidade da criança a situações de violência e exposição ao uso de drogas.

Em São Luís, o Circo Escola atende crianças e adolescentes em situação de risco social e pessoal na faixa etária de 7 a 18 anos, por meio da arte circense. Implantado desde 1999 pela Prefeitura de São Luís, é coordenado pela Secretaria Municipal da Criança e Assistência Social (Semcas) e recebeu, durante muitos anos, apoio do Unicef. Constitui-se em um espaço lúdico, de caráter pedagógico e apoio terapêutico, que objetiva favorecer a criatividade e a capacidade de expressão dos meninos e meninas atendidos, a partir da realização de atividades artísticas, culturais e desportivas.

As crianças e adolescentes que freqüentam o Circo-Escola são encaminhados até lá pelos Centros de Referência Especializados da Assistência Social (Creas) e pelo Programa de Erradicação de Trabalho Infantil de São Luís (Peti).

Atalício

A decorative flourish consisting of a horizontal line with a small diamond shape in the center, positioned below the text.



Meu nome é Atalício, uma homenagem a um tio que morreu ainda criança. Nasci na cidade de Pedreiras e hoje vivo aqui, em Lima Campos, no interior do Maranhão.

Tenho pouca lembrança dos meus avós, pois quase todos morreram quando eu ainda era muito pequeno. Hoje convivo só com minha avó materna, que se chama Adelaide. Ela já tem 73 anos, mas é muito ativa, tanto que a chamamos de *velha dura*. Ela vai pro mato sozinha, caçar e quebrar coco. A gente briga e diz que ela não pode andar só, mas ela vai mesmo assim. Pescar, então, ela faz muito. E olha que ela vai pescar e não leva nadinha, fica contando com os peixes que vai pegar para assar na beira d'água e comer. Também é trabalhadora rural, participa do movimento dos trabalhadores e é sócio-fundadora da Associação dos Assentamentos do Maranhão (ASSEMA).

Quando eu tinha mais ou menos 8 anos, meu pai saiu de casa dizendo que ia trabalhar. Ele foi para o Suriname [*trabalhar no garimpo*]. No começo ele ligava de vez em quando, mas depois nos esqueceu. Passou nove anos sem dar notícias. Como ele saiu dizendo que ia voltar, a gente nem sabia que ele ainda estava vivo. De repente, depois de todo esse tempo, ele apareceu aqui. Eu nem o reconheci. Ele disse que não dava pra dar notícia, que ficava com medo de entrar em contato e ficar sabendo que tinha acontecido de alguma coisa com a gente, até que resolveu vir ele mesmo ver como estávamos. Mas, assim... Pra mim é como uma pessoa estranha, parece que não é meu pai.

Agora ele está de volta ao Suriname - já tem outra família lá. Quando ele foi embora, no começo, a mãe sofreu muito, chorava. E a gente também, porque éramos pequenos... Meu pai é bem jovem, gosta de andar arrumado, é muito inteligente. Nunca foi muito de dar conselho.

Minha mãe é o contrário: chama a gente para conversar, fica falando de tudo. A gente sabe de tudo sobre a nossa família, sabe da situação financeira, pra não ficar pedindo demais. Meu pai, não - é todo *caladão*. Ainda mais depois que ele voltou do Suriname e ficou três meses lá em casa. Ele dormia no mesmo quarto que eu, mas parecia um estranho pra mim, tímido, nem conversávamos. Não que eu tenha raiva dele, mas era falta de assunto mesmo. Ele sempre pensou em ter dinheiro. Minha mãe, não. Ela não quer ser rica e ensina isso pra nós. Ela não tem essa visão capitalista. Ela quer viver assim mesmo e ser feliz. Diz que ter muito dinheiro até atrapalha, faz a pessoa viver preocupada. Tendo o que comer e o que vestir, pra ela está bom demais. Ela é alta e tem o cabelo sempre curto, porque quando começa a crescer ela diz que incomoda a orelha dela. É bem simples, humilde. Nunca foi de luxo, a gente que briga pra ela se vestir melhor. É muito paciente e carinhosa.

A minha família é do Ceará, da cidade de Camocim, apesar da minha mãe já ter nascido aqui, no Maranhão. Meus pais são primos legítimos e tiveram uma vida muito difícil. A família era pobre. O trabalho sempre foi escasso. E, em 1958, na época da seca, como lá não tinha serviço, eles decidiram procurar um lugar pra morar aqui. Primeiro foram para a cidade de São Bernardo, onde tiveram muitos conflitos com fazendeiros que se diziam donos das terras,

apesar de não serem. Então meus pais, que também participaram das lutas, vieram morar em Tucunzal (antigo São José dos Mouras).

A família da minha mãe era muito grande e ela era a irmã mais velha, que cuidava dos meninos. A avó trabalhava o dia todo e, só de tardezinha, é que eles iam comer alguma coisa. Tinha vez que passam o dia todo comendo cana com farinha. Agora, o sofrimento é menor. Tem dificuldade sim, porque o trabalho na roça é muito pesado, só que a gente se considera mais feliz. Ainda não está bom, mas pode melhorar. Do meu pai, eu só sei que o sofrimento foi muito grande devido à perda dos irmãos – dos 13 que nasceram, só restaram ele e mais um.

Antes de a minha mãe casar com meu pai, ela teve um outro marido, em São Luís. Antigamente, os parentes da minha avó pediam que ela deixasse os filhos irem com eles pra trabalhar na capital. Ela, como não tinha *condição*, deixava que eles fossem, para poder ajudá-la. Só que meus tios e minha mãe não ganhavam salário, apenas objetos ou outras coisas que tivessem necessidade. Mas minha mãe não aceitou isso. Ela queria receber em dinheiro, ainda que fosse pouco, para poder mandar pra minha avó. Então ela foi trabalhar em outra casa e, chegando lá, conheceu esse *cara* (acho que o nome dele era Marquinhos). Eles ficaram juntos, mas ele era muito ruim e ela fugiu duas vezes dele. Só que ele a achava. Uma

vez, ela veio pra cá, mas ele a achou. Depois ela foi pra São Bernardo, aí ele tornou a achar. Ele a perseguia, era uma pessoa de *condição* em São Luís, tinha uma imobiliária. Chegou a colocar uma empresa no nome dela que, até hoje, gera problemas no seu CPF.

Quando ela conseguiu vir pra cá, ela e meu pai foram ficando muito próximos. Iam ao forró, festinha... Foram se gostando e casaram. Logo resolveram ter filhos, o que foi difícil pra ela, que perdeu os três primeiros e adotou a primeira, a Lucilaide. Quando a adotou, já estava grávida novamente e não sabia, então nasceu a Betsaida. Só depois eu nasci. Ela quase morre do meu parto. Chegou ao ponto de distribuir os filhos, dizendo com quem cada um ia ficar.

A minha infância foi muito boa. Eu brinquei muito. Eu gostava demais de banhar no açude, jogar bola, brincar de *pegador*, *queimado*. Reuníamos um grupo pra brincar de excursão, pegávamos a capemba da bananeira e ficávamos escorregando pela serra – chegava *pretinho* em casa. Brinquei muito e brinco até hoje, porque eu gosto de criança. E, por estar estudando para ensinar da 1ª à 4ª série, e também por ser catequista e trabalhar na Pastoral da Criança, eu me relaciono muito bem com elas. Minha infância só piorou depois dos 7 anos, quando meu pai foi embora. Aí vi a dificuldade da minha mãe pra cuidar da gente, colocar na escola. Ela

trabalhava muito mesmo pra sermos crianças felizes. Ela fazia de tudo pra não termos raiva ou sentirmos algo ruim pelo pai. Depois que ele foi embora, a gente chorava muito, principalmente minhas irmãs. Quando chegava o Dia dos Pais, chorávamos porque não sabíamos o que estava acontecendo com ele. A gente percebia que minha mãe tentava segurar pra não demonstrar desespero por causa da situação financeira, que estava difícil. Ela tinha que alimentar três filhos que só estudavam.

Ainda assim, nunca tivemos que trabalhar. A mãe se esforçava para que só estudássemos. A gente ajudava, às vezes, nas tarefas de casa, que minha mãe dividia: a minha era sempre juntar o lixo do terreiro e encher as garrafas. Ainda quando o pai saiu, ela passava dias fora de casa, mas a gente nunca passou fome, porque temos muitos parentes. Sabe como é parente: não pode pegar um peixe que quer dividir pra todo mundo. Aí ela arrumou esse emprego na Assema – ela já era do movimento dos trabalhadores rurais.

A escola na qual eu estudei fica quase em frente de casa. A minha mãe já me ensinava antes de eu entrar na escola, eu já sabia as vogais, por isso, da primeira série, eu pulei logo pra segunda, mas teve uma reforma no colégio que durou um ano e, então, fiquei atrasado. Imagina: a escola só com duas salas, dois banheiros pequenos e um refeitório... Depois de

um ano de reforma veio ainda a dificuldade pra arrumar um professor. As aulas só começaram mesmo porque usávamos a igreja. Eu gostava muito da professora, ela me chamava de meu *bichinho*.

Quando meu pai foi embora, a gente já morava nessa casa onde estamos hoje. A casa era de barro e palha, bem humilde mesmo. Depois minha mãe foi comprando as coisas. Hoje ela já é de tijolo e telhado, tem duas salas, uma cozinha, um banheiro pequeno, três quartos e um quarto que a gente chama de dispensa.

A minha rotina é bem tranqüila. Eu acordo por volta das sete da manhã e limpo a casa ou então o meu quarto, às oito já tenho que estar na escola para fazer a observação da primeira série. No meio da manhã eu volto pra casa e vou fazer as anotações e o relatório das atividades, depois almoço. À tarde, eu vou à roça – mas não todo dia – apanhar feijão. À noite, assisto TV ou vou para as reuniões do grupo de jovens. Nos domingos tem a catequese e, de dois em dois meses, as reuniões da Comissão Intermunicipal de Juventude, que reúne jovens de Lima Campos, São Luís Gonzaga e Peritoró.

Eu me esforço pra ter lazer, afinal, também não vou morrer em reunião... Adoro festa, forró. Ao lado da minha casa tem o salão da comunidade. Ainda não foi terminado, mas já dá pra fazer festa. Também vou pra frente do computador que meu pai me deu. Só que aqui

“ Vivemos em uma sociedade capitalista, onde os grandes proprietários menosprezam a nós, trabalhadores rurais, que temos só uma pequena roça. E eles com esses hectares e hectares de monocultura...”

não pega internet. Quando eu falo que meu pai não foi muito presente, alguns amigos falam: “ah, mas ele te deu um computador”. Só que, pra mim, isso não substitui o carinho que não recebi dele. A minha mãe é que foi mãe e pai ao mesmo tempo. Mas eu senti falta de ter um homem para conversar alguns assuntos que com minha mãe não dava pra falar.

Quando eu era criança, não tinha noção, mas agora sei que os meus direitos não eram respeitados. Primeiro, o direito à Educação, devido à escola sem estrutura, que ficou um ano sem funcionar. O direito à Saúde também,

porque nem se via falar em médico aqui, naquele tempo. O direito à alimentação... As coisas chegam muito devagar se precisarem do governo municipal pra acontecer. Tudo é com luta! Nunca chegou um prefeito aqui e disse que seria construída uma escola. A gente que ia lá pra reivindicar. Antes, as crianças andavam até três quilômetros pra estudar em Tucunzal.

Até hoje os direitos não são respeitados como deveriam. As leis são feitas por pessoas que estão totalmente fora da nossa realidade. Penso que as crianças e adolescentes da zona rural não podem ser vistas da mesma forma que as da cidade porque o governo chega e diz que criança não pode trabalhar. Mas cadê as políticas públicas para garantir a educação e o lazer destas crianças? Não tem uma quadra de esporte, não tem uma creche para as mães deixarem as crianças enquanto elas vão quebrar coco... Porque às vezes as crianças nem vão quebrar coco, mas têm que ficar no local de trabalho das mães, quietas, sem direito a brincar. Têm outras crianças que querem quebrar coco porque gostam, como uma diversão porque é da cultura delas. As leis são uma maravilha de ver, mas a prática é outra coisa. Mesmo assim, acho de fundamental importância leis como o Estatuto da Criança e do Adolescente. Era melhor que não precisássemos de leis no mundo, que as pessoas apenas se respeitassem e tivessem consciência dos direitos das outras, mas... Tudo o que comprova os nossos direitos é

válido. Infelizmente, nenhuma lei foi importante para que resolvêssemos algum problema. A nossa lei sempre foi a paciência.

Vivemos em uma sociedade capitalista, onde os grandes proprietários menosprezam a nós, trabalhadores rurais, que temos só uma pequena roça. E eles com esses hectares e hectares de monocultura... A gente tem que lutar mesmo, não esperar as coisas de braços cruzados.

É por isso que participo do movimento dos trabalhadores rurais. Desde criança, como na maioria das vezes não dava pra minha mãe me deixar com ninguém, acabava me levando para as reuniões. Hoje, ocupo várias funções ligadas à organização de jovens e a minha vida mudou muito. Depois que você participa de um movimento, você passa a lutar por seus direitos, muda o seu modo de ser, de agir. Você começa a mobilizar pessoas para lutarem pela causa em que acredita. As pessoas não me vêem como mais um jovem, mas como uma liderança, como coordenador de jovens. Até político me procura aqui na minha casa para reunir os jovens e discutir propostas. E a gente indaga mesmo. Temos que mostrar a diferença porque o jovem é visto como aquele que vota em um candidato por causa de uma chuteira, uma roupa. E não pode ser assim. É por isso que meu sonho é me formar como educador do campo e trabalhar aqui, na minha comunidade,

para tentar mudar o que as pessoas pensam sobre direito e sobre respeito.

Eu achei muito interessante contar minha história. Espero que este livro seja lido por muitas pessoas porque, às vezes, nós do movimento social fazemos livros que ficam

restritos a nós mesmos. A discussão acaba ficando só entre nós, que já estamos conscientes da situação. Espero mesmo que o livro alcance muitas autoridades do país, para que entendam como é a nossa realidade e percebam como a gente ainda sofre.

Criança e adolescentes das zonas rurais

Melhorar a qualidade de vida de crianças e adolescentes que vivem em áreas rurais do Maranhão é ainda um grande desafio. Facilmente envolvidos em situação de trabalho infantil, a estes meninos e meninas falta o acesso à educação de qualidade, especialmente quando estão no Ensino Médio, bem como assistência à saúde.

Movimentos sociais consolidados, formados por trabalhadores rurais, têm desenvolvido interessantes trabalhos de formação e organização de crianças, adolescentes e jovens, para que eles mesmos também sejam agentes da mudança social em suas cidades. Uma delas é a Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão – ASSEMA, uma organização liderada por trabalhadores rurais e mulheres quebradeiras de coco babaçu, que promove a produção familiar, utilizando e preservando os babaçuais, para a melhoria da qualidade de vida no campo.

De caráter regional, a ASSEMA não tem fins lucrativos e atua há 18 anos na denominada região do Médio Mearim, no estado do Maranhão. Fundada em 1989, a ASSEMA tem como missão a construção coletiva, pelos seus sócios, de ações sustentáveis de utilização dos recursos naturais na busca da qualidade de vida no campo, tendo como base a produção familiar, relações justas de gênero e o respeito às etnias e à diversidade cultural.

Dejane

A decorative flourish consisting of a horizontal line with a small diamond shape in the center, positioned below the word "Dejane".



Meu nome é DeJane e nasci em um hospital chamado Santa Casa, aqui em São Luís. Não sei muito sobre a história da minha família, mas sei que a da minha mãe veio de um interior...

Mato... De Matinha! Eles nasceram no interior do nosso Estado, o Maranhão, e vieram pra cá trabalhar e ter um bom futuro. Meus avós ainda estão vivos e eu sempre converso com ele. Um dia ele me contou que teve um animal chamado Murrinho, um burrinho de que ele gostava muito. Ele contava muito da mãe dele... Dizia que eles ficavam brincando e, quando chegavam em casa, a comida estava pronta: carne, peixe.. Essas coisas de interior.

A minha mãe sempre fala que era muito feliz, que brincava muito, que era uma garota muito estudiosa, muito inteligente e que tinha muitos amigos dos quais nunca esqueceu e que quer reencontrá-los, um dia. Ela conta também que cuidava dos seus irmãos sozinha quando meus avós iam trabalhar e que era uma pessoa muito cuidadosa.

Da família do meu pai lembro pouco. A mãe dele já morreu. Eu conheci ela quando eu era pequena, só que agora eu sou grande e não me lembro mais. O pai dele ainda está vivo, mas ele não fala mais com a gente. Ele já esqueceu da gente... Meu pai também era de um interior, de Anajatuba. Ele me conta que lá ele aprendeu a pescar, a nadar, essas coisas assim...

Meu pai morava neste interior quando minha mãe foi lá, passear – eu acho – e o conheceu. Ela já morava aqui e tinha 20 anos. Parece que o pai dela não gostou muito quando ela resolveu casar, mas depois aceitou. Depois, quando eu nasci, ele me dava banana, frutinhas... Hoje, sempre quando passa por mim, ele fala: “Sabia que tu és minha neta, minha primeira neta?” Toda vez ele fala assim... Parece que quando meus pais casaram, ele deu um anel de lata pra minha mãe, não deu aquele anel, assim... Verdadeiro. Minha mãe até hoje pede o anel verdadeiro pro meu pai, mas ele não tem tempo... Eu penso de um dia trabalhar e ter bastante dinheiro pra poder ajudar o meu pai e a minha mãe e dar de presente pra ela o anel de verdade.

Meu pai é uma pessoa bacana. Às vezes ele é muito *agoniado* com as coisas, às vezes é legal. Às vezes briga quando chega do serviço e minha mãe diz que ele tem razão, mas tem vezes que ele não tem, não. Já a minha mãe é uma mãe carinhosa, linda, maravilhosa... Quando a gente diz isso, ela fala que somos falsas, eu e minhas irmãs... Ela brinca, assim... Mas é porque, na verdade, a gente ama a mãe de verdade. Ela me dá muita força, sempre me ajuda nas coisas e quando pode, me ajuda nas matérias da escola, fala com os meus professores. Quando uma pessoa fala que seu sou *débil mental*, como eles chamam, minha mãe fala com os diretores, briga. Ela é uma pessoa que luta muito por

mim, que quer uma vida melhor pra mim. Eu quero que minha mãe seja feliz e que, um dia, seja muito contente e realize seus sonhos.

Minha mãe me contou que, quando eu era pequena, gostava de esconder meus *pipos* [*chupeta*], roubar os pipos da minha irmã. Eu os escondia lá no buraco de uma coisa... Como é o nome...? Ah, um tijolo! Eu fazia manha... Era uma garota muito pequena, mas bem levada. Passei parte da minha infância na casa da minha avó, depois na minha casa mesmo. Eu me lembro que eu passeava muito, ia praqueres parquinhos de escorregador, ia pra um monte de lugares, até pro interior eu fui, quando eu era pequena. Eu e minhas irmãs tínhamos nossos brinquedos. O meu preferido era a bicicleta! Fiquei feliz demais quando ganhei. Minha irmã até queria tomar de mim. Então, eu deixei ela brincar também, porque minha mãe dizia que Deus não gosta de ninguém *sovinar* as coisas, que tínhamos que repartir... Falava essas coisas de Deus, sabe?

Eu gosto muito de animal. Tive um cachorro, o Hércules, mas ele morreu faz tempo, um dia antes do meu aniversário. Fiquei tão triste que até hoje choro... Uma vez, eu estava comemorando meu aniversário quando, de repente, me lembrei dele e comecei a chorar. Aí todo mundo começou a perguntar por que eu estava chorando e eu falei do meu cachorro... Todo mundo começou a rir. No ano seguinte, todo mundo falou logo: “não vai chorar por

“**Uma das coisas que mais me machuca é quando me chamam de *débil mental*, por causa da minha deficiência.**”

causa de cachorro não, menina!” Mas também, eu gostava muito do meu cachorrinho... Foi uma luta pra mamãe deixar eu ficar com ele.

Eu tenho muito primos e primas. Eu gosto muito da minha prima Jenifer, mas como ela mora em Brasília, eu fico mais com meus primos Jhonny e Jimmy. Eu converso com eles meus segredos, eles me contam os deles. Nessas horas a gente nem pensa que é primo, pensa que é amigo. Agora eu tenho outros amigos, adolescentes como eu. Eles gostam de se divertir, de curtir a vida, as coisas. Vou levando a vida de uma adolescente, mas às vezes eu não deixo de ser criança.

Meu primeiro colégio foi o Adventista, uma escola particular de São Luís. Eu gostava muito de lá. Lembro que o professor era bacana, que eu brincava no pátio, tinha muitos amigos. Mas aí teve uma professora que falou que eu não era capaz de continuar lá, ela pensava que eu

não tinha condições de crescer em cada série. Até hoje eu tenho vontade de procurar ela e falar: “olha, eu estou na 6ª série, vou pra 7ª. Tu disseste que eu não tenho condição, e aí? Tá vendo?” Eu posso ter dificuldade de algumas coisas, um pouco na matemática, um pouco ali, um pouco aqui, mas eu tento me esforçar o máximo que eu posso.

Mesmo assim, eu acho que meus direitos foram respeitados quando eu era criança. Alguns foram. Mamãe me dava brinquedos - tinha alguns que eu pedia e eram caros, e ela não me dava, né? Mas meus direitos de ser uma criança saudável e brincar, assim com as outras crianças, eu acho que foi.

Eu tenho vontade de trabalhar, de ter o meu próprio dinheiro, condições pra comprar as coisas que eu preciso. Tenho vontade de comprar tintas pra ser pintora. Esse é o meu sonho: ser uma pintora. E eu não aprendi a pintar: eu vejo no meu sonho e capto o que eu sonhei pra botar na folha. Boto tudo o que eu sinto no desenho. Isso me faz despertar o que eu sinto. Foi Deus que me disse que eu podia ser uma pintora, uma artista. Então, quem sabe eu consigo ser uma pintora, uma artista, ganhar dinheiro? Mas eu não *quero me aparecer*, sabe? Eu quero ser artista pra mudar desse lugar, ir pra um lugar bacana. Eu sonho em ir pra Portugal. Aqui, às vezes, tem violência, essas coisas... Eu não gosto, não.

Uma das coisas que mais me machuca é

quando me chamam de *débil mental*, por causa da minha deficiência. Fico triste por pessoas que eu tanto gosto falarem assim de mim. Às vezes eles falam assim: “Dejane, tu parece uma criança - cara de criança, corpo de adolescente”. Às vezes pedem pra me comportar mais, como uma moça: conversar direito, não falar muito alto... Mas nem sempre eu consigo. Hoje eu estudo no CIEP, uma escola pública, e na minha sala tem um aluno que também tem dificuldades, mas que tira notas maiores que as minhas. Ele se chama Vitor e é muito estudioso. Eu também sou, me esforço. Às vezes me comparam com ele, mas eu sempre digo que não importa a diferença que a pessoa tem, o que importa é se a pessoa quer ajudar os outros e ser feliz, sem julgar o próximo.

Eu acho que lá eu me desenvolvi em muitas coisas. Superei dificuldades em matemática, como sobre os sinais de somar, subtrair, multiplicar e dividir, que antes eu não entendia. Aprendi sobre eles em uma sala especial que temos aqui: a *sala de recursos*. Também gosto de ir pra escola pra conversar, fazer atividade física, tipo jogar vôlei ou basquete.

Daqui a dez anos, eu me imagino alegre, com minha família, em boas condições, comendo tudo que a gente sonha... Eu tenho vontade de comer caviar. Mas sei que é caro, né? Morango, que é um pouco caro, a gente come de vez em quando. Quero ter uma boa casa, a família reunida numa casa grandona. Quero ser uma

grande pintora e morar em Portugal. Se Deus quiser, e eu sei que Deus quer, eu vou conseguir tudo o que eu quero. E eu já prometi pra Deus que se eu conseguir ser uma pintora, vou tirar aquelas crianças da rua, ajudar aquelas pessoas que fumam... E falar sobre Deus. Oferecer uma boa escola pra eles... Quem sabe posso ter minha própria escola e ser diretora? Fico triste quando vejo as pessoas nas ruas, sem uma casa, um lugar, um cantinho pra ficar. Queria que elas tivessem tudo isso. Esse é o meu sonho. E ele é tão grande que eu não vai acabar nunca!

Eu achei ótimo dividir a minha história com vocês, com outras pessoas que podem ter as mesmas dificuldades que eu e pensam que não vão conseguir nada na sua vida. Na realidade, tudo que a gente quer a gente consegue se tiver força. Mesmo que aqueles professores falem que você não vai conseguir, faça como a minha irmã diz: não liga. Mais temos que ajudar uns ao outros, não brigar, ter paz, amor, esperança... É isso que eu espero de um país bonito, que as pessoas dos outros países possam vir, olhar, enxergar o que esse país tem de bom.

Dejane nasceu com problemas neurológicos, mas sua família só percebeu a deficiência quando ela já estava em uma escola privada. “Ela tinha dificuldades de aprendizagem e a professora me alertou. Só que fez isso de uma forma muito grosseira, que me traumatizou”, conta Jane, sua mãe. Foi na rede pública de educação, mais precisamente na U.E. Estado de Mato Grosso, que Dejane e sua família encontraram ajuda: foram orientados a procurar um neurologista e um psiquiatra para fazer uma avaliação mais completa. A partir de então, passou a fazer terapia ocupacional, fisioterapia, fonoaudiologia e superou várias dificuldades que tinha.

No começo, Dejane participava de classes especiais, mas por insistência da mãe, passou por reavaliações e hoje está em uma turma regular. “O Estatuto da Criança e do Adolescente foi essencial para isso. Tive que recorrer às leis para garantir os direitos dela de estar estudando em uma classe regular. Eu achava que ela tinha competência para isso. E tinha! Se esses direitos não estivessem garantidos, seria horrível. Não quero nem imaginar...”, conclui Jane.

Enilson

A decorative flourish consisting of a horizontal line with a small diamond shape in the center, extending outwards to the left and right.



Meu nome é Enilson. Nasci em São Luís do Maranhão, no Hospital Materno Infantil. Há várias *teses* sobre a origem do meu nome. A mais provável é de que ele nasceu de uma junção de Nilson, o nome que meu pai queria, com Edilson, preferido por minha mãe. Assim ficou Enilson, um nome que eu gosto e me identifico.

Meus avôs maternos são de Rosário, no interior do Maranhão. Eles eram de uma família pobre, trabalhadores rurais. Apenas o meu avô é vivo hoje em dia, mas vive acamado porque teve um *derrame*. Ele não fala nada, não anda e só se comunica através de gestos, mas é uma pessoa feliz. Ele mora lá em casa e a gente percebe que, apesar de ele viver assim, é alegre. Minha *vó* morreu nova, tinha menos de trinta anos, ela teve uma dor de cabeça forte e acho que teve uma *parada cerebral*, alguma coisa assim... Ela não agüentou e morreu. Eu nem cheguei a conhecê-la, nem minha mãe mesmo teve muito contato com ela. O dia-a-dia deles era muito pesado. O meu avô adoeceu justamente por

estar trabalhando na roça, fazendo carvão. Isso acabou se refletindo na sua velhice.

Minha mãe também nasceu em Rosário. É filha única e sua infância foi um pouco conturbada, pois meu avô mudava muito de cidade. Ela acabou estudando pouco e chegou só até o primeiro ano do Ensino Médio. Apesar de meu avô não querer e preferir que ela ficasse em casa, ela também chegou a trabalhar na roça.

O meu pai também sofreu muito na infância. Ele nasceu em São Bento, também no Maranhão. Praticamente não conheceu o pai e, quando a mãe dele morreu, tinha só 12 ou 13 anos. Ficou que nem um barco na maré: para onde a maré levava, ele ia. Morou com várias pessoas de São Bento e sofreu muito, porque as pessoas davam o teto, mas em troca queriam a mão de obra dele para trabalhar no gado, na roça. Outras diziam: “só o tem o direito de dormir, o resto tu te viras”. Ele começou a estudar só aos 15 anos e, trabalhando, acabou não terminando os estudos – fez só até o 1º ano do Ensino Médio. Os parentes da minha mãe até davam

apoio para ele, mas os da família do pai nunca ajudaram. Na verdade, a própria mãe dele não queria que eles conhecessem o pai, pois meu avô tinha o gênio muito forte, brigava muito e acabou por ser assassinado. Meu pai até sabe quem o matou, mas ninguém sabe o motivo. A minha avó era trabalhadora rural, teve sete filhos e cuidou dos sete até falecer.

Meu pai puxou a personalidade forte do meu avô. Mas é uma pessoa brincalhona, sabe se expressar e eu o considero um bom marido. Ele tem um relacionamento muito bom com todo mundo, tem muitos amigos. É algo bem marcante o fato de ele ser uma pessoa carinhosa com os amigos, com a família.

Minha mãe também é uma pessoa bacana, mas não é igual ao meu pai, assim de conversar muito. Acho que, pelo fato de ser filha única, ela tem esse jeito calado. Mesmo assim, é uma pessoa que tem muitas amizades. Eu a considero uma grande mãe, uma mulher trabalhadora. Ela passa praticamente o dia todo em casa, a não ser quando está na igreja, onde é uma das coordenadoras, ajuda na liturgia e canta. Acho que ela tem muito mais vínculos com minhas irmãs. Ela é carinhosa, mas se precisar dar bronca, ela dá mesmo. Se for para elogiar, ela elogia.

Atualmente, meu pai trabalha na área da Vale, como operador de caldeira. Ele é um dos que sustentam a casa e também participa da igreja da nossa comunidade, como a minha mãe.

“ Os estudos foram o grande marco na minha vida. Eu preferia estudar a sair. Também gostava de ver televisão e conversar com os vizinhos. ”

Apesar das brigas na família dele, os irmãos são muito presentes: sempre que ele precisa de um conselho, recorre aos irmãos.

Meus pais se conheceram porque moravam no mesmo bairro, o Coroadinho. O meu pai perguntou para o irmão dele, após ter visto a minha mãe, se ele conhecia aquela morena que ia descendo a rua. Meu tio falou que conhecia *de vista*. Tinha um poço no bairro e todos os moradores iam pegar água lá. Meu pai a viu indo pegar água e foi atrás dela para ajudar a carregar o balde. Assim eles se conheceram e começaram a namorar.

Meu nascimento não foi planejado. No dia em que eu nasci, foi um desespero. Minha mãe começou a sentir dor naquele dia, estava acontecendo uma greve de ônibus. Eles até conseguiram pegar o coletivo porém, quando chegaram na Vila Embratel, o povo começou a

jogar pedra no ônibus, que era o único que fazia a linha. Meu pai quebrou a cabeça e minha mãe ficou arranhada, mas eles conseguiram chegar ao hospital.

Eu passei minha infância toda no Anjo da Guarda, na periferia de São Luís. Lá tinha um grande problema de saneamento básico, além da falta de água e energia. Agora está melhor, mas ainda não é 100%. Moro ainda na mesma casa onde passei minha infância. Ela é considerada uma casa grande e hoje nós estamos construindo a parte de cima. Antes, ela tinha só dois quartos, uma cozinha, uma sala, copa, banheiro. Agora está ficando maior.

Da minha infância e até hoje, nós sempre íamos à igreja. A atividade mais forte da minha família é ir à Igreja Católica. Meu pai sempre foi presente, apesar de às vezes passar o dia fora. O nosso vínculo é muito forte, até hoje brincamos. Na verdade, eu nunca fui de brincar muito, a única coisa que eu realmente gostava era de jogar bola com meu avô. Sempre estudei muito. Os estudos foram o grande marco na minha vida. Eu preferia estudar a sair. Também gostava de ver televisão e conversar com os vizinhos.

Minha primeira escola ficava perto da minha casa. Era a Escola Comunitária Força de Aprender. Ela não tinha estrutura, mais era boa e os professores eram dedicados. Eu saía de casa às sete e meia da manhã e lá sempre tinha muitas brincadeiras. Essa escola ficou marcada

na minha memória porque a professora era minha tia e isso fez com que eu me aproximasse dela.

Na adolescência eu passei por várias escolas, estudei na Escola Maria de Nazaré que fica na Vila Nova, depois fui para o CEMA, para o Colégio João Alberto e, depois, para o Bacanga. O legal de passar por várias escolas eram as amizades que eu fazia. Atualmente, estou estudando o 3º ano no Centro de Ensino Médio do Anjo da Guarda.

Aos 14 anos, eu entrei no grupo de jovens da igreja e percebi que já era um adolescente. Hoje, tenho muitos amigos na igreja e gosto de ir aos passeios, ao teatro e à pizzaria com eles. Com o grupo, fazemos intervenções na comunidade, sempre ajudando as pessoas. Isso é o que eu mais gosto de fazer.

Esse hábito de participar das coisas da comunidade acabou me levando a outras experiências, como o Projeto Crer (Capacidade, Responsabilidade, Empoderamento e Realização), do qual eu comecei a participar com minha irmã: ela me indicou para a coordenadora, eu me destaquei e fui escolhido como representante dos adolescentes. Foi lá que eu ouvi falar do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) pela primeira vez. Hoje eu já saí do projeto e sou articulador do Protagonismo Juvenil em Rede, o Projur, o grupo de organização juvenil da Rede Amiga da Criança. Participar das reuniões do Projur é

uma das coisas que eu mais gosto de fazer. Nós nos encontramos quinzenalmente e sempre participamos dos eventos da Rede. Atualmente estamos colaborando ativamente com a Pastoral da Criança, ajudando o Projeto Crer nas reuniões temáticas. A base no Projur é a defesa dos direitos das crianças e adolescentes, por isso trabalhamos bastante com o ECA.

Um dos momentos mais marcantes que vivi no Projur foi quando dei uma entrevista na TVE. Para mim, isso foi uma demonstração de que meu trabalho estava sendo reconhecido. A minha participação no projeto mudou muito a minha vida, meu deu mais experiência em lidar com pessoas, em usar a comunicação.

O sonho que eu tenho para as crianças e

adolescentes é que todos os seus direitos sejam respeitados e que elas próprias façam valer todos os direitos, sejam protagonistas disso. No meu caso, acredito que nem todos os meus direitos foram respeitados quando eu era criança. No Estatuto da Criança e do Adolescente diz que toda criança e adolescente tem o direito ao lazer, educação, cultura, esporte. Eu acho que a parte que se refere ao lazer e esporte não foi respeitada, porque no meu bairro não tinha estrutura nenhuma para isso. Hoje meu maior lazer é estar na *lan house*.

Agora, meu sonho pessoal é passar no vestibular, me formar... Mas ainda estou em dúvida entre o curso de Segurança do Trabalho e de Serviço Social, que é minha paixão.

Protagonismo juvenil em pauta

O protagonismo juvenil significa, tecnicamente, o incentivo à participação do jovem como ator principal em ações relativas ao bem comum, na escola, na comunidade ou na sociedade. O jovem deve participar do planejamento e execução da ação, bem como avaliar e se apropriar dos resultados. Para os estudiosos do assunto, existem dois padrões de protagonismo juvenil: quando as pessoas do mundo adulto fazem junto com os jovens e quando os jovens fazem de maneira autônoma.

Muitas organizações e articulações atuam no Maranhão em busca da difusão e aplicação destes conceitos. Uma delas é a Rede Amiga da Criança, articulação trabalha com crianças e adolescentes em situação de rua ou de vulnerabilidade social. Um dos seus projetos é o Protagonismo Juvenil em Rede (Projur) que, além de promover a cultura da participação infanto-juvenil nas diversas organizações que integram a própria rede, fomenta e monitorar políticas públicas para as crianças, adolescentes e jovens. Tudo isso com a participação efetiva dos próprios adolescentes.

Erinaldo

A decorative flourish consisting of a horizontal line with a small diamond shape in the center, positioned below the name.



Meu nome é Erinaldo. Sou morador da cidade de Caxias, no semi-árido maranhense. Nasci na capital do Piauí, mas só fui registrado na Bahia. Minha história tem um pouco de sofrimento, porque minha família é muito humilde e passamos muita necessidade. Desde os oito anos trabalho para ajudar minha família. Primeiro comecei a engraxar – nessa época, tinha muito contato com pessoas na rua. Depois trabalhei como vendedor de geladinho de frutas. Para mim, o trabalho é algo digno – meu pai sempre fala que o trabalho é honra. Ele nos colocou para trabalhar desde pequenos para que conhecêssemos a realidade da vida e os problemas que ela tem. Trabalhando, já passei por várias coisas ruins e já fui chamado de tanta qualidade ruim, que até pensei em

fazer coisa ruim também, mas Deus não deixou acontecer.

A primeira coisa que fiz foi vender banana. Eu e minha irmã saímos, ficamos na rua até umas dez horas e não conseguimos vender nada. O bairro onde morávamos era perigoso e como nós éramos novos lá, uns caras do bairro começaram a correr atrás de nós para ficar com as bananas. Eles me acertaram no rosto com cascas de melancia e foi uma situação muito marcante pra mim: nunca consegui esquecer. Cheguei em casa chorando naquele dia.

Meu pai é propagandista, vendedor ambulante até hoje. Ele vende remédios naturais. Antigamente, tinha um Opala *caindo aos pedaços* e nós viajavamos o tempo todo nele, mudando de cidade. Já moramos em Teresina, Caxias, Camocim, Remanso e muitas outras. Nesta

vida, nós suportamos várias coisas: dormíamos em galpão, em posto, tinha dia de chuva, sol. E meu pai trabalhando... Para sair de uma cidade para outra tínhamos que ter recursos, dinheiro, e para isso, nós íamos trabalhando. Nós íamos devagarzinho pelas cidades, até chegarmos à Bahia, na cidade de Remanso.

Quando era jovem, minha mãe trabalhava na roça, assim como toda a família dela, que era da Bahia. Quando estivemos lá, pude conhecer minha avó materna e uma tia. O meu avô, nesta época, já havia morrido. Hoje a minha mãe é doméstica: cuida da casa, do almoço, da janta, passa as roupas, lava... Ainda hoje faz os geladinhos pra gente vender – até hoje fazemos isso para conseguir uma renda extra no final do mês. Ela e meu pai se conheceram num festejo. Minha mãe diz que quando o viu, disse que ele era o homem da vida dela. Mas eu sei muito pouco sobre a história deles, pois nós não conversamos muito. Deveríamos conversar mais, mas não é assim.

Minha família é composta por oito pessoas: eu, meus pais, três irmãos e duas irmãs. Quando éramos pequenos, não tínhamos registro de nascimento – meu pai viajava muito e não tinha tempo para ir ao cartório com minha mãe. Nem batizados nós fomos, até hoje – é muito caro, tem muita burocracia pra batizar uma pessoa por aqui.

Por causa dessa falta de documentos, só

**“Trabalhando,
já passei por várias
coisas ruins e já fui
chamado de tanta
qualidade ruim, que
até pensei em fazer
coisa ruim também,
mas Deus não deixou
acontecer.”**

comecei a estudar aos oito anos de idade. Hoje eu estou no primeiro ano do Ensino Médio, que curso à noite. De manhã ajudo minha mãe nas tarefas de casa, pois minha irmã está trabalhando em *casa de família* e meu irmão do meio trabalha como feirante e sai de casa às quatro horas da manhã. Pela tarde, até as duas horas, vendo geladinho com meu irmão mais velho – hoje em dia ganhamos um pouquinho mais, tem dia em que chego a ganhar até dez reais. Depois disso, vou para o Centro da Juventude com minha outra irmã. O Centro de Juventude é um espaço muito legal onde fazemos vários cursos.

Hoje eu consigo ter uma boa perspectiva de vida. No futuro, penso em me formar e dar uma moradia boa pra minha mãe. Hoje meus pais moram em uma casa de tijolo, coberta com telha, com sala, três quartos e uma cozinha. Para mim eu construí uma casa de taipa com um cômodo, assim como o meu irmão. Construir essas casas foi uma forma que conseguimos de nos cadastrar no PAC, aquele programa do Governo Federal – mas até hoje não recebemos nenhum recurso. Nossa família é muito grande e esta é uma forma de melhorar a nossa moradia.

**“ Nem batizados
nós fomos, até hoje
- é muito caro, tem
muita burocracia
pra batizar uma
pessoa por aqui. ”**

A infância no semi-árido do Maranhão

O semi-árido brasileiro é hoje uma das regiões que mais reúne indicadores negativos quanto ao desenvolvimento de crianças e adolescentes.

Tentando mudar este quadro, mobilizações políticas e iniciativas de projetos têm tentado contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos meninos e meninas da região.

Uma delas é o Selo UNICEF Município Aprovado. Lançado em abril de 2005, pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), a iniciativa tornou-se uma estratégia de mobilização social dos cerca de 1,5 mil municípios do Semi-árido brasileiro, em torno das metas relacionadas aos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio. Com o Selo, o UNICEF acompanha e certifica a gestão municipal, proporcionando visibilidade nacional e internacional aos municípios aprovados, ou seja, àqueles que garantirem os melhores resultados na implementação das políticas públicas destinadas à infância e à adolescência. Em sua segunda edição no Maranhão, o Selo tem como uma das atividades principais envolver as crianças e adolescentes nos temas relacionados à mobilização social nos municípios, visando promover a convivência com o semi-árido, bem como descobrir suas potencialidades.

No Maranhão, a questão do semi-árido configura-se ainda como um debate complexo, pois envolve a discussão política em busca do reconhecimento, pelo Governo Federal, de parte do seu território como integrante da região semi-árida brasileira.

Fernando

A decorative flourish consisting of a horizontal line with a small diamond shape in the center, positioned below the name.

Meu nome é Fernando, nasci e vivo até hoje na cidade de Imperatriz, no Sul do Maranhão. Minha família tem uma origem humilde e com muitas dificuldades. A minha mãe vem de uma família grande. Minha avó materna teve que criar os cinco filhos sozinha, pois foi abandonada pelo meu avô. Em função disso, a infância da minha mãe foi muito difícil, ela começou a trabalhar precocemente, vendendo cheiro-verde na feira. Mas nem tudo era tristeza: ela conta também que gostava de estar no meio de grupos de dança.

A família do meu pai mora muito longe e por isso não sei falar muito sobre eles. Só sei que meu vô é baiano minha avó também. Meu pai, como todo típico nordestino, também sofreu bastante, teve uma infância pobre e teve que trabalhar muito cedo. Ele saiu de casa com 12 anos e foi trabalhar vendendo frutas na feira. Depois, foi para São Paulo e, como não arranhou emprego, veio para o Maranhão e trabalhou em uma agência de turismo. Ele lutou muito para

vencer na vida e ter alguma coisa.

Quando meus pais se conheceram, minha mãe trabalhava em uma empresa chamada Cooperleite – foi um amigo dela que os apresentou. A minha avó não queria o namoro na época, pois ele era um *cara* bem mais velho, nem sei o que aconteceu para ela deixar... Só sei que eles têm, agora, 22 anos de casados.

Eu não fui um filho planejado. Acho até engraçado quando minha mãe conta que eu nasci *por acidente*. Passei toda a minha infância em Imperatriz, que é uma cidade grande, um local bom de se viver. Minha casa é normal: tem dois andares, é bem grande e tem muitas árvores. Quando eu era criança, nós saíamos bastante: para a casa da minha avó, para pizzaria. Também gostava muito de jogar bola, volei... Apesar de eu ter vindo de uma família negra e o negro ainda ser bastante marginalizado em nossa sociedade, acredito que a minha infância foi respeitada e muito feliz. Nesta época fiz muitos amigos que preservo até hoje.

Graças a Deus, eu tenho pais maravilhosos.

Meu pai é um cara participativo, ele acompanhou toda a minha evolução de criança, adolescente. Ele sempre me ajuda, me dá conselhos e me deu uma educação muito boa. É um cara não tão estudado, mas que conseguiu priorizar, dentro da minha infância e adolescência, a educação. Tudo que eu sou hoje eu agradeço aos meus pais. Minha mãe também sempre foi participativa, mesmo sempre trabalhando fora, assim como meu pai. Quando ela chega em casa conversamos bastante. Ela é a paixão da minha vida. Minha família sempre foi bastante participativa, sempre tive com quem buscar orientação. Minha avó também é uma pessoa muito presente em minha vida. Também tenho uma irmã, mas ela casou há pouco tempo e saiu de casa – ando com muita saudades dela...

Na adolescência, eu não precisei trabalhar – sempre me dediquei aos estudos. Aliás, foi estudando que percebi que tinha deixado de ser criança: assim que comecei a fazer o Ensino Médio no CEFET, vi que eu ia estar em um lugar que tinha pessoas diferentes, adolescentes mesmo, com muito mais responsabilidades, que tinham que estudar para conseguir atingir seus objetivos. Lá, eu fiz só o Ensino Médio normal, não tive o interesse de fazer o técnico. Atualmente, eu e meus amigos costumamos sair para cinema, praia, jogamos bola... Essas coisas que adolescente faz.

Hoje estou no quarto período do curso

“ Um dos momentos mais marcantes foi tentar passar para as crianças, para o público espectador, a importância de se resgatar a cultura negra. ”

de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão, em Imperatriz. Minha faculdade é nova, ainda faltam professores.

Na verdade, eu não estudei muito pra passar no vestibular. Não que eu seja o *bonzão*, mas esse curso não era o que eu queria: eu sempre sonhei em fazer Medicina, como toda criança. Mas aí, pensei que não podia fazer vestibular em outra cidade, porque meu pai não ia poder me sustentar. Então, resolvi fazer Jornalismo aqui mesmo. Quando passei e comecei a estudar, adorei tanto o curso que hoje não me imagino médico. Ser jornalista para mim já era genético e eu não sabia.

Acho que toda a criança quer ser médica

em função do *status* que a sociedade dá a esse profissional, da mesma forma que faz com o advogado. Essa supervalorização é tanta que as crianças começam a acreditar que, para ser bem sucedido e ter *status* social, é necessário exercer umas dessas profissões. Mas, quando se depara com a concorrência no vestibular, fica desestimulado e acaba fazendo vestibular para outro curso, mesmo sem desejar tanto.

Eu também curso Direito. Tenho uma bolsa integral do Prouni. Meu pai sempre dizia que eu devia fazer Direito, pois Jornalismo é uma coisa que não dá para ter dinheiro. Como eu sempre tive independência intelectual, disse ao meu pai que ia fazer o que gosto também. E eu gosto mais do curso de Jornalismo que do de Direito. Eu acho que o mercado do Direito é muito saturado, pois tem muitos profissionais. Mas continua sendo uma profissão que dá *status*. Hoje, meu pai já respeita mais a profissão de jornalista, mas mesmo assim ele quer que eu seja advogado.

Uma coisa muito significativa na minha vida é o Projeto Negro Cosme, ao qual me integrei na faculdade. O objetivo é integrar o negro na sociedade. Eu sou negro, gosto da minha cor. Então eu comecei a participar da parte funcional, como a divulgação dos cartazes. Tinha também um projeto de música através do qual orientávamos as pessoas a resgatar a origem da cultura negra. Um dos momentos mais marcantes foi tentar passar

para as crianças, para o público espectador, a importância de se resgatar a cultura negra.

O projeto mudou a minha vida, pois me trouxe uma percepção clara sobre a minha etnia. Grande parte das pessoas fala que o negro ou realiza um trabalho braçal ou é marginal. Eu sempre via esse tipo de preconceito, mas não conseguia identificar, discernir. A partir do momento que eu entrei no instituto consegui argumentar com as pessoas que tinham esse tipo de preconceito. E é difícil falar com pessoas que pensam assim, porque elas já cultivam um estereótipo.

É por isso que acho que leis como o Estatuto da Criança e do Adolescentes são muito importantes, pois podem garantir os direitos de quem não tem acesso a eles. O ECA teve bastante relação com a minha história, porque meus direitos foram respeitados: tive acesso à educação e ao lazer, dentre outras coisas. Acho que o Brasil tem que ser homogêneo, não só de cor, mas de pessoa. O meu sonho é ver o Brasil igual. Por mais que as pessoas digam que o Brasil é um país igual, democrático, isso não acontece na realidade. O Brasil tem preconceitos, tem pessoas que estão à margem da sociedade e isso me choca bastante como futuro jornalista, advogado. Queria que as pessoas vivessem felizes, sem sofrer preconceitos, que conseguissem um poder sócio-econômico relativo, tivessem acesso facilitado à educação, saúde e lazer.

Políticas afirmativas

A Universidade de Brasília (UNB) foi a primeira Universidade Federal a criar cotas para negros, em junho de 2004. O sistema só foi aprovado depois de cinco anos de discussão. Depois disso e várias conquistas depois, outras universidades têm implantado seus sistemas de cotas, caso da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

Atualmente, na UFMA, as vagas são divididas em duas categorias: Universal (50%) e Cotas (50%). Dos 50% destinados às cotas, 25% são para candidatos negros, independentemente de serem oriundos de escolas públicas ou privadas. Os outros 25% são destinados exclusivamente a alunos de escolas públicas, independentemente de etnia. Além disso, existem duas vagas adicionais por curso em cada semestre letivo: uma para indígenas e outra para pessoas com deficiência.

Glaiddston

A decorative flourish consisting of a horizontal line with a small diamond shape in the center, extending outwards to the left and right.



Meu nome é Glaidston. Nasci e cresci em São Luís do Maranhão, de onde também é a família do meu pai. O pai dele é aposentado, mas continua trabalhando como pedreiro. Já minha avó fica cuidando da casa. A família da minha mãe não é daqui, é de Tutóia, no interior do Maranhão, mas meus avós maternos já faleceram. Eu tive pouco contato com eles. Para mim, entretanto, esse pouquinho de contato foi importante, pois pelo menos cheguei a conhecê-los. Foi muito bom ter eles dois perto de mim: nunca vou esquecê-los.

Meu pai conta que na infância dele, era muito parecido comigo: gostava de jogar bola, correr com os amigos. Na adolescência, a brincadeira que meu pai mais gostava continuava sendo o futebol, tanto que, até hoje, é o destaque dele. Ele também saía pra festas, gostava de se divertir... Foi ainda na adolescência que ele conheceu a minha mãe e acabou casando com ela. O casamento deles já dura quase 30 anos,

não sei ao certo.

Os meus pais de agora não são os meus pais biológicos. Minha mãe biológica teve muitos filhos homens e, como eu fui o caçula, minha tia (que agora é a minha mãe) me pediu a ela. Por isso, sei muito pouco sobre meus pais biológicos, sobre a infância deles... Minha mãe biológica é uma pessoa super legal, sei porque ela passou um tempo morando aqui com a gente. Agora ela está no Rio de Janeiro. Quando eu era pequeno, tinha mais contato, passava uns dias na casa dela – era bom e eu gostava muito, pois me divertia com os meus irmãos. Quando eu voltava para casa era a mesma coisa: eu brincava com as minhas irmãs, meus amigos.

Já com meu pai biológico tenho pouquíssimo contato. Sei onde ele mora no bairro Coroadinho, mas ele é *macumbeiro* e acho que foi devido a isso que minha mãe me concedeu à outra. Mas ele é legal, extrovertido. É uma pessoa super educada, gentil e gosta de brincar.

Meus pais nunca me contaram a respeito do meu nascimento, geralmente me contam de

certa idade em diante. Dizem que eu era muito travesso, que gostava de machucar os outros, de jogar pedra e que eu só acertava em um local do corpo da pessoa que era o dedo mindinho do pé, o ponto fraco. Eu era bem peralta, bem travesso, gostava mesmo de bagunçar.

A metade da minha infância eu passei na pista de atletismo, onde entrei aos 9 anos de idade e permaneço até hoje. A outra metade passei no meu bairro, na casa da minha mãe biológica (aqui na Vila Palmeira) e com os meus amigos. Sempre gostei de brincar de *rouba bandeira*, *polícia e ladrão*, futebol, pelada de rua, *ping-pong*, *cola* e *queimado*.

Eu gostava de sair com meus pais pra me divertir no *Parque*, o clube de festas que eles gostavam, na época. Com o passar do tempo, nos saímos dessa vida mundana e entramos para uma religião protestante, que é Assembléia de Deus. Agora somos evangélicos, graças a Deus! Quem teve a iniciativa de nos levar à igreja foi minha irmã caçula, ela foi a primeira a ir. Depois ela convidou a mim e à minha outra irmã e nós fomos. Por último, foram os nossos pais. Isso mudou muito nossa rotina, nós passamos para um mundo novo... Meu pai gostava de beber e fumar e, até um certo tempo depois que já estávamos indo para a igreja, meu pai ainda fumava, não conseguia perder o hábito. Até que nós, seus filhos, começamos a controlar ele: nunca mais ele botou um cigarro na boca. A nossa entrada na igreja foi tranqüila, não houve

“ Quando eu era criança, brincadeira para mim só se fosse de correr. Foi assim que iniciei no atletismo: o meu técnico me descobriu - ele me viu correndo atrás de pipa e me convidou a comparecer na pista. ”

nenhuma resistência porque a nossa avó já era evangélica e nós gostávamos de ouvir os hinos que ela cantava diariamente.

O meu pai de criação é super extrovertido, mas às vezes ele *prende* a gente. Quando eu e minhas irmãs queremos sair para uma festa evangélica ele dá o limite para irmos e voltarmos. Por exemplo, se começa às sete horas da noite, às onze horas temos que estar em casa. Se passar desse limite ficamos de castigo e no próximo show não podemos ir.

Mas nós não damos trabalho a eles. O bairro onde moramos é um bairro difícil, com muitos

problemas. Hoje eu tenho uma carreira, que é o atletismo, e pretendo seguir outra carreira, que é a militar. Mas os meus colegas, não. Só tem um que vai seguir a carreira militar junto comigo: ele vai entrar no Exército, enquanto eu vou para Aeronáutica. Nós dois somos os únicos que nos destacamos no nosso bairro, pois os outros estão no mundo das drogas, do tráfico... Eles continuam sendo os nossos amigos e estão com a gente constantemente, brincando e jogando bola. Mas a gente não se mistura com eles para sair, beber, fazer coisas erradas.

Minha casa não é lá essas coisas de *chique*, mas ela é confortável, grande, tem forro no teto, é bonita. Minha família era grande, agora reduziu porque duas irmãs casaram, restaram só outras duas, meus pais e eu, que sou o caçula.

Quando eu era criança, brincadeira para mim só se fosse de correr. Foi assim que iniciei no atletismo: o meu técnico me descobriu – ele me viu correndo atrás de pipa e me convidou a comparecer na pista. Lá, ele me mostrou tudo e me ensinou a correr melhor coordenando a saída de bloco. A primeira prova que eu realmente fiz foi o salto com vara. Eu gostei, me acostumei. Sou determinado, não gosto de falhar com compromisso. Sou pontual.

A minha primeira escola foi o Centro de Ensino Raimundo Corrêa. Já passei por várias escolas públicas e privadas e agora estou voltando a estudar no [Colégio] Padre Rogério.

Na escola eu gostava muito de brincar com os meus colegas, suava, bagunçava... Mas na hora em que estávamos na sala, era para estudar mesmo. Formávamos um grupinho, a famosa *panelinha*, que era só de homens. Com o tempo, a gente foi se separando, mas nunca perdemos o contato. Até hoje eu conheço os alunos que estudavam lá e alguns ainda estudam comigo na Escola de Música, no Convento das Mercês, onde aprendo a tocar trombone.

Acho que sempre tive todos os meus direitos respeitados, porque eu tive direito de estudar e de brincar. O Estatuto da Criança e do Adolescente teve muita importância na minha vida, especialmente na oportunidade de praticar esporte. Pra mim, esporte é tudo. Ganhei a minha primeira medalha aos 13 anos – foi de bronze. Até hoje ganho medalhas e também experiência.

Atualmente, eu participo do Projeto Crer (Capacidade, Responsabilidade, Empoderamento e Realização), realizado pela Rede Amiga da Criança. Eu entrei nele através de uma amiga de faculdade da minha mãe, a Lígia. Lá, participamos do grupo do PROJUR (Protagonismo Juvenil em Rede), fazemos curso de montagem e manutenção de computador e damos aulas no PETI de vez em quando, fazendo dinâmicas com as crianças e trabalhos na comunidade. Para mim, o momento mais marcante no projeto foi quando conhecemos os jovens dos outros pólos em um passeio

integrativo. Até hoje nos comunicamos.

A grande diferença que o projeto fez na minha vida foi fortalecer o respeito que eu já tinha pelas pessoas. A gente aprende a agir de uma forma diferente, a acompanhar as crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos. E olha que eu adoro brincar com crianças - eu faço dinâmicas, brincadeiras e jogos integrativos. Infância para mim é tudo. Quando eu brinco com crianças, é como se eu estivesse revivendo a minha infância.

Meu sonho é entrar nas Forças Armadas. Eu queria ir para a Marinha, mas como a escola de música não tem contato com ela, vou para

Aeronáutica. Quero ainda fazer faculdade de Pedagogia e Direito, pagar faculdade para minha outra irmã e ajudar meu pai a pagar o carro dele.

Também sonho que todas as crianças e adolescentes venham a realizar os sonhos deles: ser jogador de futebol, chegar ao nível máximo, fazer faculdade de Pedagogia, Direito, Educação Física e Letras, dentre outros cursos. Espero que eles possam realizar não só esse tipo de sonho, mas o de viver a infância completa, com os seus direitos respeitados.

Contar a minha trajetória de vida foi muito tranquilo, eu realmente relembrei como se eu voltasse ao tempo.

A importância do esporte

Praticar esportes é fundamental para o desenvolvimento das crianças adolescentes, pois, além de contribuir para uma vida saudável, ajuda na aprendizagem, melhorando o raciocínio e suas percepções, bem como aguça a criatividade.

Considerando-se que a prática esportiva é um direito de crianças e adolescentes, a difusão do esporte deve ser incentivada por políticas públicas específicas no âmbito a escola e do incentivo à profissionalização. Uma destas políticas em execução no Maranhão é o Bolsa-atleta. Implantado desde 2002, o programa proporciona melhores condições de treinamento e preparação física para os 150 alunos que o integram, através da concessão de bolsas.

O programa é ainda de pequeno alcance, quando se considera a quantidade de jovens em condições de se desenvolver nas diversas práticas esportivas, no Maranhão.

Jackson

A decorative flourish consisting of a horizontal line with a small diamond shape in the center, positioned below the word "Jackson".



Meu nome é Jackson, tenho 18 anos e moro em Caxias, no interior do Maranhão. Meus pais são do povoado de Buenos Aires, aqui mesmo de Caxias, mas já moramos na sede da cidade há onze anos. Quando eu tinha uns sete anos, minha mãe vendeu as criações que nós tínhamos na zona rural – galinha, porco, bode –, juntou todas as economias e comprou uma casa aqui na cidade.

Ela sempre tinha em mente que para uma criança ou adolescente ter um futuro melhor do que trabalhar na roça, com agricultura, teria que ter estudo. Ela achava que os pais tinham que dar estudo para seus filhos. E foi muito difícil pra ela defender isso, porque o pai dela pensava o contrário: ele achava que o jovem

que nasce na zona rural não teria muita chance na cidade e que, por isso, teria que trabalhar na roça mesmo. Foi meu pai quem apoiou minha mãe e disse que tinham que levar os filhos para a cidade e dar ensino, para que tivéssemos uma vida melhor que a deles. Assim, eles compraram uma casa, mesmo com os parentes não aceitando isso. A casa, na época, ficava em um bairro que tinha muito mato. A casa era um pouco decaída, tinha a estrutura abalada, precária, de taipa – o meu pai foi fazendo algumas melhorias.

E assim fomos estudar. Minhas irmãs estavam na primeira e segunda série, enquanto eu fui fazer o jardim de infância, pois estava com seis anos. Quando eu estava na sétima série, a escola viveu uma situação precária: estavam faltando carteiras. Cheguei a passar quatro dias sentando no chão e, no quinto dia, como

não estava mais gostando da situação, me uni a alguns amigos para fazermos uma manifestação pacífica. Foi a primeira vez que me mobilizei para lutar por meus direitos. Como meus pais sempre me apoiaram nas decisões, comecei a participar de grêmios estudantis.

Hoje, todos nós já concluímos o Ensino Médio. Minhas irmãs, inclusive, já estão na faculdade: a mais velha já está fazendo geografia na Universidade Estadual do Maranhão, a minha irmã mais nova vai fazer Biologia agora, e eu estou me preparando para fazer o vestibular para Geografia.

A coisa mais interessante disso tudo é que a minha mãe só estudou até a 4ª série. Mesmo assim, ela sempre nos acompanhou, ensinando em casa. Quando eu e minhas irmãs passamos para o *ginásio* e minha mãe não tinha mais como nos acompanhar nas tarefas escolares, ela entrou na escola para nos ajudar. Hoje, minha mãe já terminou o Ensino Médio. Ou seja, com o intuito de ajudar os filhos dela, acabou ajudando a si mesma, adquirindo mais conhecimento. E agora vai prestar vestibular, a minha mãe...

Meu pai é lavrador e a minha mãe sempre vendeu produtos, como calcinhas e perfumes, para ajudar na renda de casa. Quando mudamos para cá, meu pai conseguiu um emprego como agente comunitário de saúde. Hoje em dia, como ele não tem mais tempo para fazer roça, ele trabalha só como agente. Nós ainda temos

**“ Desde pequeno,
eu tenho uma
verdadeira fascinação
pela comunicação.
Minha mãe sempre
brigava comigo porque
eu ficava imitando
as pessoas da TV,
com voz alta. ”**

uma máquina de pilar arroz lá na zona rural, em Buenos Aires, e a minha mãe continua a vender produtos.

Quando eles se conheceram, minha mãe era muito tímida e foi meu pai *quem deu em cima dela*. Ela ficava se saindo. Daí ele a pediu em casamento e ela aceitou. E disse que só morava com ele se ele fizesse uma casa primeiro. Aí meu pai disse que não fosse por isso e começou a construir uma casa na zona rural.

Na minha infância, eu era um menino muito calmo, muito quieto. Às vezes, como os outros meninos gostavam de procurar briga comigo e

eu não tinha irmãos homens, não tinha como me proteger. Aí eu apanhava dos outros meninos. Então, de vez em quando eu procurava ajudá-los nas tarefas escolares e adquiria a amizade deles. Eu nunca fui um gênio, mas graças a Deus sempre fui bem interessado e tirava boas notas.

Meu nascimento foi algo mesmo muito interessante, complicado demais... Tenho duas irmãs, sou o caçula – tinha uma mais nova que faleceu. Na época que minha mãe estava grávida de mim, eles estavam começando a fazer a estrada pra zona rural: a metade estava feita e o resto ainda era *caminho*. Então, a associação do povoado comprou uma casa aqui na cidade, onde todas as pessoas lá da zona rural podiam ficar quando vinham pra Caxias comprar mantimentos, comida, ou mesmo se tratar aqui, no hospital. Quando eu ia nascer, minha mãe veio a pés com um dos irmãos dela, que na época tinha uns 7 ou 8 anos. Ele vinha com os pés no chão, descalço, brincando com a baladeira na mão, matando passarinho e perguntando toda hora: “Tá perto pra chegar?”. “Falta um pouco”, minha mãe respondia. Mas, na realidade, faltava muito ainda... Só quando ela chegou na parte que já estava feita a estrada, consegui uma carona com o fiscal da obra até a casa da associação. Ela ainda ficou uma semana na casa, com uma comadre dela que também estava esperando neném. Quando foi para minha mãe me ter, chamaram um

táxi, que quebrou no caminho. O pessoal que estava próximo pediu calma e chamou outro táxi. Dizem que o outro carro furou o pneu, mas acabou chegando ao hospital. O parto foi muito complicado, pois não havia médico – os enfermeiros que ajudaram até chegar um médico. E, quando eu nasci, não chorei. Estava preto *da cor do asfalto*. Nasci pela tarde, por volta das 13 horas, mas só à noite me levaram pra minha mãe, que chegou a pensar que eu já tinha morrido.

Desde pequeno, eu tenho uma verdadeira fascinação pela comunicação. Minha mãe sempre brigava comigo porque eu ficava imitando as pessoas da TV, com voz alta. Quando não era falando alto, eu ficava imitando na mente. Eu também sempre falei muito, tanto que o pessoal *dava agonia*, me chamavam de *tagarela*. Hoje sou mais calmo, gosto de observar as coisas ao meu redor, inclusive eu já aprendi muitas coisas observando, mas esta mudança já tem pouco tempo... Na escola, inclusive, quando a minha mãe ia falar com os professores sobre o meu comportamento, eles diziam que era o melhor possível, mas que só tinha um problema: falar demais.

Quando eu entrei no Centro da Juventude, eu comecei a participar da oficina de música. Então, o professor começou a notar que eu gostava muito de falar ao microfone. Há três anos e meio, um amigo que já trabalhava como locutor

aqui na cidade me convidou para ir à rádio dele fazer um teste. Quando eu cheguei lá, eu ainda tinha jeito de criança, mas quando eu falei pela primeira vez, um rapaz disse: “Esse aqui tem talento”. No início, eu tinha dificuldade, pois falava muito rápido e muita gente não entendia direito. Eu sempre perguntava às pessoas, aos amigos em quem eu tinha confiança, o que eu tinha que melhorar. Eu acho que as pessoas têm que ter essa humildade para perguntar qual a falha que nós estamos tendo. Com o passar do tempo eu fui melhorando. Hoje em dia, ainda acho que tenho muito que aprender, porque nós nunca ficamos nos 100%.

Na primeira rádio comunitária em que trabalhei, fiquei só um ano, devido a questões de estudo - porque eu sempre priorizei isso. Depois que eu comecei o Ensino Médio e comecei a participar das oficinas de rádio, fui convidado para fazer um teste em outra rádio e até hoje estou nela. Depois que trabalhei na primeira, fiquei uns dois anos fora das rádios por que eu sempre me preocupo muito com a educação, com o Ensino Superior. Agora estou me preparando para o vestibular e estou priorizando isso. O rádio eu estou colocando em segundo plano. No momento, como eu não estou ganhando nada na rádio, eu a vejo como um *hobby*. Mas, futuramente, eu sonho em trabalhar com a comunicação para sobreviver.

Eu vejo a rádio como um meio de comunicação

“ Hoje eu fico muito triste com os jovens daqui da cidade, pois a maioria não gosta de ler. Então, o que adianta ser a terra de Gonçalves Dias, se os jovens não gostam de ler? ”

que tem que oferecer informações. Aqui na cidade há muitos adolescentes comunicadores, mas eles só querem fazer os programas colocando músicas, forró, axé, essas coisas... Para mim, entretanto, a comunicação no rádio tem que ter informação. Já no início eu tive essa idéia de levar informação mesmo fazendo meu programa com músicas, atendendo aos pedidos das pessoas. Como eu sempre gostei de assistir a jornais, eu levava essas notícias e falava na rádio.

Morar em Caxias é muito bom. Eu nunca morei em outra cidade e talvez possa ser bom

também... Não é porque eu sou caxiense, mas eu gosto muito da minha cidade. É a terceira mais importante do estado, tem belas histórias da Balaiada, por exemplo. É a terra de Gonçalves Dias. Hoje eu fico muito triste com os jovens daqui da cidade, pois a maioria não gosta de ler. Então, o que adianta ser a terra de Gonçalves Dias, se os jovens não gostam de ler? É interessante morar na cidade de um dos poetas mais conhecidos internacionalmente. E aqui tenho muitos amigos.

Já participei de quase todas as oficinas do Centro da Juventude de Caxias. Teve semana em que fui todos os dias. É um local onde interagimos com outros jovens na mesma faixa etária da gente. Por isso é muito bom. As pessoas que trabalham lá sabem o momento de ser profissional e o momento de brincar com os alunos. Esse ambiente proporciona uma melhora na nossa auto-estima.

No início eu participei da oficina de música, de instrumentos. Eu comecei tocando violão e hoje estou na bateria. Depois fiz horticultura e participei também das aulas de artes plásticas. O meu primeiro quadro, inclusive, foi comprado por uma família italiana que estava visitando a cidade durante a exposição. Eu fico muito grato e feliz por uma tela minha estar do outro lado do Oceano Atlântico e pelos *gringos*

estarem apreciando algo que fiz com minhas próprias mãos. Fiz teatro também, o que me ajudou a perder medo do público. Por fim, estudei informática. Eu já tinha feito um curso, mas aqui, quem não sabe aprende e quem já fez fica se aperfeiçoando. Principalmente na informática, que é uma área onde a pessoa tem que ficar sempre praticando, senão vai esquecendo. E tem também o reforço, que eu quase não participo porque, graças a Deus, minha mãe fica sempre me incentivando para que eu não pare de estudar.

Por conta deste meu jeito participativo, estive em uma assembleia aqui na cidade, na qual escolheram um adolescente pra representar a cidade na assembleia estadual dos direitos da criança e do adolescente [*Conferência Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente*]. Da etapa estadual, participaram mais ou menos 140 adolescentes e tivemos que escolher nove para ir à nacional. Eu, como sempre tive facilidade em fazer amizade com os adolescentes das diferentes cidades e participei bastante da assembleia, acabei sendo um dos mais votados. Quando fui pra nacional, vi o presidente Lula de perto e pedi aos seguranças para tirar uma foto com o ele, para mostrar aos meus amigos. Foi uma experiência muito emocionante viajar de avião. Foi maravilhoso.

Na onda da Comunicação

Mais do que um instrumento para expressão de suas idéias, a comunicação é um direito humano de todo cidadão, incluindo crianças e adolescentes. Neste sentido, já é possível ver políticas públicas e projetos sendo executados no Maranhão com o objetivo de facilitar o acesso de adolescentes e jovens aos meios necessários para que eles produzam comunicação, bem como possam se relacionar de forma crítica com a mídia.

Uma destas políticas se desenvolve na cidade de Caxias, através dos Centros de Juventudes. Mantidos pelo Governo Municipal e coordenados pela Secretaria Municipal da Assistência Social, oferecem aos jovens e adolescentes uma aprendizagem continuada voltada à socialização, valorização e descoberta das aptidões individuais. É um local de referência em atividades educativas, recreativas, desportivas, sócio-educativas e nas áreas de comunicação e informática.

Por parte da sociedade civil, destaca-se a atuação da ONG Formação, na região da Baixada Maranhense, através do CIP Jovem Cidadão, um projeto que busca despertar nas crianças e adolescentes a importância da comunicação como ferramenta para a transformação da realidade e, conseqüentemente, de superação das desigualdades.

Janaina

A decorative flourish consisting of a horizontal line with a small diamond shape in the center, extending outwards to the left and right.



Meu nome é Janaina e nasci no povoado de Paiol do Centro, do município de Caxias, no interior do Maranhão. Eu e minha família nos mudamos para cá quando eu tinha um ano. Tenho só seis irmãos: dois homens e quatro mulheres. Uma delas tem problema nos rins e faz tratamento de hemodiálise. Minha mãe só trabalha em casa e meu pai entrega material de construção.

Quando eram mais novos, meus pais moravam no mesmo *interior*, Centro da Lagoa. Os meus avôs eram compadres e não queriam que eles namorassem. Mas, mesmo assim, eles namoraram e se casaram. Minha mãe teve todos os filhos nesse povoado, só eu que nasci em Paiol do Centro. Eles casaram muito cedo:

minha mãe tinha 14 anos e meu pai tinha 15.

Em minha opinião, quando se casa cedo assim, não dá certo, não. Minha irmã mais velha casou com vinte anos, não deu certo e ela se separou do marido. Se com vinte não deu certo, com menos é que não dava mesmo.

Eu não conheci bem meus avós - nem os paternos, nem os maternos. Lembro só do meu avô materno antes de morrer, mas não o conheci muito. Faleceram todos. Não lembro com que ele trabalhava, eu era pequena. Mas eu tenho muitos tios e alguns já moram aqui em Caxias. Nós não nos vemos muito, mas de vez em quando nós nos visitamos. Agora, quando meu pai esteve doente, eles foram mais vezes lá em casa.

A minha infância foi um pouco sofrida. Minha casa era pequena, feita de *pau-a-pique*. Só tinha dois quartos, uma sala e uma cozinha. Eu e meus irmãos dormíamos quase todos em um quarto só. Nesse período, meus pais trabalhavam na roça. Decidiram mudar porque acharam que em Caxias tudo seria mais fácil: o acesso a médicos, aos mantimentos. Eles já iam a Caxias todos os meses para fazer compras, daí decidiram mudar de vez.

Quando eu era criança, gostava muito de jogar bola. Ainda brinco com as minhas bonecas, porque na minha infância eu não tive brinquedos. Então hoje, como eu posso comprar, eu compro minhas bonecas e brinco, jogo bola. Minha mãe fica brigando porque eu gasto dinheiro com bonecas... Mas eu brinco mesmo.

Eu fui criada mais com os meus vizinhos, o *seu* Bartolomeu e a *dona* Graça. Eu tinha a casa dos meus pais, mas como esses vizinhos gostavam muito de mim, eu fiquei morando na casa deles. Fazia de tudo lá: tomava café, almoçava, jantava, dormia. Pra onde eles iam, me levavam. Eles têm filhos, mas eu não os chamava de irmãos. Lá era bom e eles me davam tudo o que os meus pais não podiam me dar. Depois fui morar com a irmã Humberta. Passei um ano na casa dela e depois, não sei bem o porquê, deu vontade de ir embora e eu fui. Então, fui morar na casa da Cleide, onde

“ Eu estudava à tarde, mas sempre chegava atrasada e acabei por desistir do colégio para ficar só trabalhando na casa dela. Ela brigou muito e meus pais também, mas não tinha como trabalhar e estudar ao mesmo tempo. ”

fiquei um ano. Por fim, voltei pra casa da minha mãe.

Eu comecei a trabalhar aos quinze anos. Faço faxina, durmo no serviço e estudo à noite... Trabalho três vezes na semana e durmo todos os dias no serviço, uma casa de família, a casa da *dona* Maria. Lá, eu ganho oitenta reais por mês. Na casa da vizinha, a *dona* Eva, eu trabalho só um dia na semana e ganho cem reais.

Eu fui morar com a *dona* Maria porque ela

morava com o pai dela, mas ele faleceu e, desde então, ela fica sozinha, pois não tem filhos. Foi muito bom morar com ela. Ela é gente fina e eu gosto muito dela.

Eu estudava à tarde, mas sempre chegava atrasada e acabei por desistir do colégio para ficar só trabalhando na casa dela. Ela brigou muito e meus pais também, mas não tinha como trabalhar e estudar ao mesmo tempo. Eu fiquei reprovada na 5ª série e ainda tentei estudar no supletivo, mas a escola não me aceitou, por conta da idade. A vontade de desistir dos estudos foi minha mesmo, mas depois voltei a estudar de novo. Mais uma vez não deu certo e parei. Fiquei quatro anos sem estudar. Voltei agora e estou fazendo a 7ª série. Eu acho legal estar na escola, pois a gente aprende muito. É certo que tem umas matérias que do meio do ano pra cá começaram a ficar pesadas, como a matemática... Mas até hoje eu acho que estudar, pra mim, não é muito bom, porque é muito puxado estudar à noite. Mas eu não posso estudar de dia por causa do trabalho.

Hoje eu faço o curso de cabeleireiro, maquiagem, corte-e-costura, reforço escolar e esporte. Tudo isso no Centro de Juventude. Hoje eu já faço escova, lavo os cabelos das minhas colegas, da minha irmã. Eu gosto muito de passar as tardes lá. Já fico pensando que este é meu último ano no Centro, porque quando a gente completa 18 anos, tem que sair. Lá eu ouvi

falar pela primeira vez no Estatuto da Criança e do Adolescente, até ganhei um exemplar.

O que eu quero agora é terminar o Ensino Fundamental e Médio pra ver se eu consigo fazer faculdade de Veterinária, porque eu gosto muito de animais. Eu acho o colégio puxado, difícil, mas as coisas são assim mesmo, tem que ir devagar...

“ Ainda brinco com as minhas bonecas, por que na minha infância eu não tive brinquedos. Então hoje, como eu posso comprar, eu compro minhas bonecas e brinco, jogo bola. Minha mãe fica brigando por que eu gasto dinheiro com bonecas... Mas eu brinco mesmo. ”

A young girl with dark hair is sitting on a bed in a room. She is wearing a white tank top and dark pants. The room has a window with white curtains and a wooden door. The overall tone of the image is soft and slightly desaturated.

Trabalho infantil doméstico

O Decreto Federal nº 6.481, de 12 de junho de 2008, proíbe a contratação de adolescentes com menos de 18 anos para a realização de trabalhos domésticos. Até essa data, esse tipo de trabalho era permitido para adolescentes de até 16 anos.

Crianças que trabalham como domésticas em casa de terceiros, afastadas de suas famílias e sem oportunidade de estudar ou brincar, compõem um exército invisível de mão-de-obra que está sujeito a toda sorte de exploração. As conseqüências deste tipo de trabalho têm um grande impacto sobre a saúde: é muito comum que meninas envolvidas com esta modalidade de exploração sofram de doenças de origem nervosa, tais como problemas estomacais e dores de cabeça. Também identifica-se, nessas crianças, problemas no desenvolvimento psicológico, como o amadurecimento acelerado que reduz o período da infância, e desenvolvimento social, como o isolamento e sentimento de não-pertencimento provocado pela privação do convívio com suas famílias.

Joana

A decorative flourish consisting of a horizontal line with a small diamond shape in the center, extending outwards to the left and right.



Meu nome é Joana, sou moradora do povoado de São Cristóvão, uma das principais áreas remanescentes de quilombo do estado do Maranhão, localizado na cidade de Viana. Tenho dezoito anos e sou mãe solteira. Na minha casa moram 12 pessoas: meus pais, eu, oito irmãos e meu filho. Ela tem quatro compartimentos e é feita de alvenaria e taipa. Nós conseguimos construí-la através de um projeto que teve por aqui.

Meu pai trabalha na roça, sendo que nossa principal fonte de renda é o cultivo de milho e de mandioca, além da criação de galinha, pato e porco. Aqui no terreno temos a casa do

forno, o chiqueiro, o galinheiro e o paiol – onde guardamos arroz e farinha. Além do milho e da mandioca, plantamos melancia, abóbora, quiabo, graviola, maçã, caju, maracujá, feijão, arroz, pepino, melão... Tudo o que se planta, dá. Nós plantamos e colhemos só para o nosso consumo em casa mesmo.

Minha mãe trabalha na escola da comunidade como vigilante e recebe o bolsa-escola, também. Mas é muito difícil, porque tem mês que ela recebe e tem mês que custa demais a receber. E isso é muito ruim. Quase sempre que ela tem que ir lá, falar com o pessoal da Assistência Social, ela nem tem como ir, porque às vezes nós não temos nada. O salário que ela ganha na escola dá pra gente passar, mas eles tinham que

fazer o possível para o bolsa-escola não falhar.

A minha vida era boa, mas se tornou difícil depois que eu tive um bebê. Principalmente porque o pai não ajuda. Ele é casado e mora em Viana. Nós nos conhecemos quando eu trabalhava lá, como doméstica, coisa que eu fazia desde os 16 anos. Quando engravidei dele, ainda tentei perder o bebê, tomando remédios, mas não deu certo. Então, meu filho nasceu e hoje já está com dez meses. Hoje eu o amo muito. Na verdade, sempre quis ter um filho. Quando eu tomei o remédio eu estava desesperada.

Nós sempre usávamos preservativo, mas naquele exato dia, não usamos. O pai não reconheceu o Jonatas como filho. Nunca deu nada pra ele. Eu fiquei criando ele sozinha e vou criá-lo com *Deus e Nossa Senhora*. Mas é difícil, pois tenho que ir às consultas com ele todo mês, em São Luís, e não tenho de onde tirar o dinheiro. Ele nasceu prematuro e precisa de alguns cuidados especiais.

Quando eu engravidei, estava no 3^a ano. Daí eu tive que parar. Eu não podia ir à escola por causa da cirurgia e, depois, porque tinha que cuidar do bebê.

Da minha infância, só lembro que eu era muito danada. Eu sempre estudei bastante, era bem inteligente mesmo. Mas quando eu estava fazendo a 4^a série, trepei num pé de jambo e caí. Desde então, fiquei meio esquecida. Aqui no

“ Quando eu engravidei, estava no 3^a ano. Daí eu tive que parar. Eu não podia ir à escola por causa da cirurgia e, depois, porque tinha que cuidar do bebê. ”

povoado temos até a 8^a série. Eu estudei primeiro no Jardim de Infância Teresinha de Jesus Sousa Leite. Depois passei para a Escola Municipal Linhares Pinheiro – lá tinha duas salas de aula e nós sempre fazíamos as séries juntas: a 1^o e 2^o, a 3^o e 4^o. Eu não gostava dos professores. Eles são meio que jogados aqui. Vêm no dia que querem. Eu queria que eles colocassem o Ensino Médio, mas nunca conseguiram colocar.

São Cristóvão tem, mais ou menos, umas 70 casas. Atualmente só há um projeto sendo realizado aqui, que é o OMÓ BINRINRÊ, de dança afro. Ele está em atividade há mais ou menos um ano e já fizemos apresentações em Viana, Cururupu e aqui mesmo, na comunidade. É um projeto bem legal. Antigamente tinha uma

brinquedoteca, mas agora não tem mais.

O acesso ao povoado é péssimo, sem pavimentação. Quando chove, não fica com muita lama porque é de areia. Toda a economia gira em torno da criação de galinha, porco e pato. Não há apoio da prefeitura para as criações, eles só são vacinados quando a gente compra a vacina.

Ser mulher em São Cristóvão é bom. Mulher aqui trabalha de tudo: trabalha em roça, pesca, faz artesanato, vassoura e côfo. Os pais da gente não gostam que a gente namore o povo daqui, porque falam que todo mundo é parente. Aí, temos que procurar em outros lugares. Todos aqui são Souza, Costa, Correia... Todos parentes. O problema é que o povo de Viana nos vê com racismo, nos chama de “preto”. Eles não gostam da gente daqui de São Cristóvão. Só em tempo de política que vemos o povo de Viana. Pra se ter uma idéia, a escola aqui só abriu em maio, e olhe lá. Em Viana, teve concurso pra professor, mas nunca tinha ninguém pra cá. A última escola a ter aula foi a daqui e ainda está sendo reformada. Os meninos estão estudando num clube de *reggae*, um barracão feito de taipa.

Mesmo com todos os problemas, quem não conhece São Cristóvão não consegue imaginar como é bom viver aqui. Se eu pudesse, traria as pessoas e deixaria elas passarem muito tempo aqui: tenho certeza de que gostariam demais. Aqui é um local calmo, não tem confusão.

Podemos fazer festa. Ninguém vive brigando com ninguém. O que tem que melhorar aqui é o transporte e a estrada, que praticamente não existe. Quando está no inverno, o campo fica cheio e nós temos que pedir lancha pra levar os alunos. Quando está seco, andamos dois quilômetros para ir à escola. Era pra eles fazerem uma estrada... Andar todo dia três quilômetros de manhã e mais três à tarde para ir e voltar à Viana – seis quilômetros por dia –, é difícil. É difícil demais!

“ Ser mulher em São Cristóvão é bom. Mulher aqui trabalha de tudo: trabalha em roça, pesca, faz artesanato, vassoura e côfo. Os pais da gente não gostam que a gente namore o povo daqui, porque falam que todo mundo é parente. Aí, temos que procurar em outros lugares. ”



Valorizando suas raízes culturais

O Projeto OMÓ BINRIN IRÊ (meninas com esperança, em língua africana yorubá) existe desde 2007 no município de Viana e é executado pelo Centro de Formação para a Cidadania AKONI. O projeto oferece qualificação social, profissional e inserção econômica para que 60 meninas possam ter condições de fortalecer sua capacidade de liderança e de intervenção positiva diante da realidade, possibilitando a geração de renda na busca da auto-sustentabilidade.

As adolescentes e jovens atendidas pelo projeto são da classe popular provenientes da zona rural e urbana da cidade de Viana. Têm idade entre 14 e 24 anos; são quilombolas, vítimas das mais diversas formas de exclusão social, cultural e econômica; são mães e afro-brasileiras. No projeto, são realizadas oficinas de confecção de móveis e utensílios em bambu, vime e guarimã, além de teatro/dança afro e popular, estas últimas somente na comunidade quilombola de São Cristóvão.

Também são realizadas oficinas pedagógicas e encontros de organização e cidadania, que têm possibilitado a participação das adolescentes e jovens em espaços políticos de participação social que estimula o protagonismo juvenil feminino e promove intervenção ativa e consciente em suas próprias vidas no cenário social.

Jonas

A decorative flourish consisting of a horizontal line with a small diamond shape in the center, positioned below the text.



Meu nome é Jonas* e estou *preso* na [unidade de internação da] Maiobinha. Eu não sei nada sobre a origem dos meus avós. A minha mãe costuma dizer que a infância dela foi muito difícil, que ela trabalhava tratando os peixes que os outros pescavam. Ela tratava pra eles revenderem.

Eu não sei como os meus pais se conheceram. Mas hoje eles já estão separados. Eles dizem que quando eu nasci foi bom, que eles ficaram muito alegres. Mas, pouco tempo depois, meu pai *arrumou* outra mulher e aí tudo foi ficando ruim, até que eles se separaram. Minha mãe foi embora pra casa da mãe dela e deixou a mim e a meus dois irmãos com meu pai e com a outra mulher, que passou a morar conosco. Ele ainda teve mais dois filhos. Nós ficamos com ele até uns 10 anos, quando voltamos a morar com

* Nome fictício

mamãe. Ela também casou de novo, mas não teve mais filhos.

Antes da separação era tudo bom. Nós vivíamos unidos: pai, mãe, irmãos... Depois, tudo começou a ficar ruim: pai pra um lado, mãe pro outro, filho pra outro. Eu gostava de empinar pipa, de jogar bola, brincar de peão... Brincava muito com os meus irmãos e com os meus amigos do bairro onde morávamos.

Eu estudava em um colégio perto de casa. Fiquei lá, parece, até a 3ª série. Depois fui pra um colégio lá na Cidade Olímpica e outro na Vila Brasil, onde mamãe morava. Por fim, eu não quis mais saber de estudar, não. Até a 5ª série era tudo bom, tudo normal. Eu ia pro colégio, assistia a aula, tirava nota boa. Eu achava bom, me sentia bem. Eu nem estudava muito, só prestava atenção nas aulas e tirava notas boas. O que eu não entendia, perguntava pra professora e tirava as dúvidas. Mas depois da 5ª, eu fiz só piorar... Eu ia pro colégio e ficava

o tempo todo conversando com os *caras* na hora da aula. Não prestava mais atenção nas aulas. Acabei ficando reprovado.

Desde a 3ª série eu comecei a trabalhar na feira livre da Cidade Operária. Ficava vigiando os carros, fazendo fretes pros outros. Eu ia com os meninos lá da rua. Eles me chamavam e eu ia pra ganhar meu dinheiro, como eles. Os meus pais sabiam que eu ia trabalhar.

O meu pai é um cara bom comigo. Ele me dá conselhos, fala que não é pra eu fazer coisas erradas, essas coisas... A minha mãe também. Ela sempre se preocupou em dar roupa, comida, presente, dar conselhos, cuidar bem da gente. No período que em que nós estávamos na casa do papai ela ligava sempre, querendo saber se eu estava bem... Antes, ela trabalhava só tratando peixes, mas depois começou a trabalhar em *casas de família* e nós passávamos o dia sozinhos. O companheiro dela era bom com a gente, nunca bateu em nenhum de nós. Ele conversava, dava conselho, dizia pra sermos obedientes à mãe. A minha mãe tem me ajudado bastante neste tempo em que estou aqui [*no Centro de Juventude e Esperança, cumprindo medida sócio-educativa de privação de liberdade*].

Eu penso que os meus direitos não foram respeitados quando eu era criança. A separação dos meus pais foi um exemplo: quando fomos morar com mamãe, ele deveria ter dado uma pensão pra gente, mas nunca deu. Ele era bom,

ajudava, mas tinha a mulher...

Na minha adolescência, eu parei de estudar. Só trabalhava com meu pai aos sábados. Ele compra peixe dos pescadores e vende. Por um lado era bom, por que eu o ajudava e ganhava algum dinheiro. A gente acabava passando o dia todo junto. Mas, por outro, era ruim: tinha a mulher dele, que dizia que eu era ladrão e que me acusava de pegar dinheiro da gaveta dele.

Minha mãe mandava a gente se cuidar, estudar, mas eu não queria ir, achava muito *aziado*, e *gazeava* as aulas. Depois, eu fiquei pensando na minha mãe, que ficava em uma fila *grandona* pra fazer minha matrícula, pra depois eu faltar às aulas. Então, eu disse pra ela que eu não ia mais, e pronto. Ela sempre foi muito participativa, se preocupava com a gente. Dizia pra gente deixar de aprontar. E ela nem ficava sabendo de tudo o que eu fazia. Quando ela era chamada, eu dizia no colégio que ela não podia ir, que estava trabalhando. Aí, eles me suspendiam e eu só não ia pro colégio, sem ela saber. Ela era participativa sim, eu posso dizer.

Naquela época, de vez em quando eu me divertia com meus amigos. Nós nos juntávamos e fazíamos uma festa, um churrasquinho... Cada um dava uma parte: uns levavam a farinha, outros a carne, a cervejinha, o limão. Eu gostava de jogar bola, empinar papagaio, mas depois que eu fiz uns 15 anos deixei de fazer essas coisas... Comecei a pensar que esse

meu tempo de ficar brincando e empinando papagaio já tinha passado e que, agora, aquilo era coisa de *meninozinho*.

A minha adolescência foi normal até os 16 anos. A partir daí eu comecei a fumar maconha e roubar... Alguns meninos do bairro faziam isso, mas eu não gostava de andar junto, de *patotinha*. Eu gostava mesmo de fazer minhas coisas sozinho: assalto, tudo eu fazia sozinho. Ninguém lá em casa sabia, nem meus irmãos, nem a minha mãe. Acho que ela nem desconfiava. Ela só ficou sabendo agora, quando vim prá cá, há uns sete meses. Quando eu fumava [*maconha*] eu ficava na rua até passar, só depois que eu ia pra casa, porque ela já estaria dormindo. Eu também não ficava toda noite fora de casa. Às vezes, eu dizia pra ela que eu ia passar a noite com alguma mulher.

No começo, eu não participava dos assaltos: só vendia o que os outros roubavam e eles me davam uma parte do dinheiro. Eu ficava só na minha, olhando e comecei a pensar que podia ser bom. Eu via os *caras* com revólver, com dinheiro, com carro, com coisas assim. Fui me envolvendo de pouquinho em pouquinho. Então, quando eu tinha 17 anos, fiz meu primeiro assalto: um celular. Depois, eu e mais outro colega fomos assaltar um comércio.

Eu não tinha nem *precisão* de estar roubando, não. Eu usava o dinheiro para ir à praia, beber um chope, *ficar* com as meninas. Aí eu pagava

tudo ou, às vezes, *nós rachávamos*. Às vezes, meu pai me dava o dinheiro pra eu poder sair com as meninas, tomar um sorvete, merendar. Eu fingia que não tinha, pra ele me dar e não perceber nada. Aí eu completava com o meu. Eu gostava era do dinheiro, mesmo. Queria diversão, comer fora de casa. E também comprava roupas caras pra mim, de marca. Isso o papai não podia comprar, dizia sempre que era muito caro.

A minha mãe achava estranho que eu andasse com muito dinheiro, mas eu dizia pra ela que ganhava trabalhando e ajudando papai. Um dia, eu estava andando com ela, dei uma topada em uma pedra e caiu um *bolo* de dinheiro no chão. Ai ela me perguntou: “menino, onde foi que você achou este dinheiro todo, hein?!” Eu respondi que o dinheiro só podia estar escondido debaixo da pedra e que, com a topada, eu tinha achado.

Um dia, nós estávamos perto da casa de papai e nos juntamos para assaltar uma farmácia. Quando eu cheguei lá, eu disse pro *cara* que era um assalto. Ele reagiu, me deu um murro e eu dei um tiro nele. Eu fugi pra casa do meu pai, mas me *agarraram* [a *Polícia*] lá de noite e me levaram para a DAI [*Delegacia do Adolescente Infrator*]. De lá fui para a DECOP [*Delegacia da Cidade Operária*], onde passei uns dias, depois voltei pra DAÍ. Fiquei dois meses na [*internação*] provisória, participei de audiências e fui mandado pra cá.

Com dez dias aqui eu fugi, com um grupo de meninos. Procurei a ajuda dos meus pais e eles me levaram pra Vitória do Mearim, para a casa de uma tia. Eu passei uns dois meses lá. Já no final do ano, eu voltei. No começo de janeiro, eu ia fumar *um [cigarro de maconha]* com um colega, quando ele começou a correr e nem me disse nada. Então, vi uns policiais vindo de moto atrás de mim. Como eu corri, eles começaram a atirar. Deram um *bocado* de tiros e um deles pegou bem no meu braço. Eu ainda consegui chegar à casa da minha mãe, que pediu ajuda ao meu irmão mais velho. Quando ele chegou com a ambulância, os policiais já vieram junto, perguntando se eu era o *cara* que tinha fugido daqui. Eu neguei, mas eles confirmaram. Quando eu saí do [Hospital] Socorrão, fui pra DAI de novo e, de lá, me trouxeram logo pra cá, onde estou até hoje.

Meus pais ficaram muito surpresos com tudo, eles não esperavam por isso. Antes desta história, eu tinha sido preso uma vez, mas não tive nada a ver com o que aconteceu. Eu estava em uma festa perto de casa quando, de repente, só vi todo mundo correndo, os policiais chegando e levando todo mundo pra delegacia. Mamãe foi me tirar de lá e eu falei pra ela que eu não tinha nada a ver com a situação, estava só na festa – o que era verdade. Então, ela disse: “Rapaz, tá vendo? É por isso que eu digo pra vocês não andarem com essas pessoas, nesses lugares. Está vendo no que dá?”. Nesta segunda

“A primeira vez que ouvi falar do Estatuto da Criança e do Adolescente foi lá na Provisória. Quando eu cheguei aqui, eu até ganhei um, mas eu nunca parei pra ler.”

vez, o meu pai falou pra mim: “Rapaz, pra quê que tu fizeste isso?”, e conversou comigo. Antes ele vinha me visitar, mas agora não está vindo, porque está bebendo. Ele é assim: custa a beber, mas também, quando bebe... Passa uns dez, quinze dias bebendo direto.

Aqui, minha vida já mudou um *bocado*. Aqui é só pra refletir sobre o que a gente fez. Aprender coisas novas, estudar.

Eu achava que eu ia gastar o dinheiro quase todo [*do assalto*] e depois ia me *aquietar* mais. O dinheiro que tinha lá não era mixaria não, era dinheiro muito. Até porque eu já estava perto de fazer 18 anos, ia deixar de ser *de menor*. Não que eu fizesse o que fazia por ser *de menor*. Eu fazia mesmo porque eu queria andar com dinheiro. Mas quando eu ficasse de *maior*, ia me *aquietar*,

começar a ajudar papai mais lá no serviço. Eu nem sabia de internação provisória, de nada disso. Fiquei sabendo quando fui preso pela primeira vez. Mas muitos adolescentes fazem porque acham que só vão pra provisória e, de lá, serão liberados.

Infelizmente, nem aqui nossos direitos são respeitados. Por exemplo: a gente tem direito a fazer uma ligação pra família uma vez por semana, mas quando pedimos pra fazer, eles não deixam, dizem que temos que esperar a família nos ligar. Só que, às vezes, as pessoas não podem, estão ocupadas... O melhor aqui são as horas dos atendimentos. Eles são muito bacanas com a gente, escutam o que temos pra dizer... Mas aqui é assim: tem uns *caras* que nos respeitam, mas têm outros que não, nos chamam de miserável, e de um *bocado* de *nome feio* aí...

Agora eu só penso em sair daqui, ter minha família e trabalhar. Mas não penso muito no futuro, nunca parei pra sonhar... Só penso em arrumar um serviço e ajudar mamãe, porque ela está me ajudando muito enquanto estou aqui. Eu sei fazer algumas coisas, posso ser

ajudante de mestre-de-obras. Mas eu acho que quero aprender uma profissão pra mim. Eu ainda não sei que profissão seria, mas eu queria uma profissão... A que aparecer...

O que eu sei é que, quando eu sair, não quero voltar nunca mais! E aqui nem é tão ruim, pior é aquela outra, a Penitenciária de Pedrinhas. Lá que eu sei que é ruim. Hoje eu me arrependo dos roubos, mesmo tendo curtido muito, na época. Também me arrependo de não ter continuado no colégio. Quando eu sair daqui, quero voltar a estudar. Vou tentar.

Eu não tenho uma história boa assim pra ser contada, não. Mas eu achei bom contar. Quando falamos da nossa vida, pensamos mais nas coisas que já fizemos. Penso nas outras pessoas, no meu irmão, que é mais novo. Se eu pudesse, iria dizer pra ele se *aquietar*, não dar trabalho pra mamãe. Daqui a alguns anos, se eu viesse aqui, visitar, falaria pro meninos daqui pra eles saírem dessa vida. É melhor o cara estar em liberdade, do que estar preso aqui. Quem continua se arrisca até a morrer. Eu iria dizer pra eles ouvirem os pais deles, porque o que eles dizem é pro nosso bem.

Medidas sócio-educativas

O Estatuto da Criança e do Adolescente considera, no seu artigo 104, penalmente inimputáveis os menores de 18 anos. No entanto, estes estão sujeitos às medidas sócio-educativas previstas no artigo nº 101, que vai desde a simples advertência, até a internação - indicada somente para casos excepcionais.

No Maranhão, as medidas privativas de liberdade são executadas no âmbito do estado sob a responsabilidade da Fundação da Criança e do Adolescente (Funac). Há apenas duas unidades de internação, ambas em São Luís – uma masculina, o Centro de Juventude Esperança, com capacidade para atender até 40 adolescentes por mês; outra feminina, o Centro de Juventude Florescer, com capacidade para atender até 10 adolescentes. Só no ano passado (2007), o Centro de Juventude Esperança atendeu 145 adolescentes. É importante ressaltar que estes centros devem ter, primordialmente, um projeto físico e pedagógico adequado ao Sistema Nacional de Atendimento Sócio-Educativo (Sinase).

Jose

A decorative flourish consisting of a horizontal line with a small diamond shape in the center, extending outwards to the left and right.



Meu nome é Maria Josesilde, mas todos me chamam de “Jose”. Moro na cidade de Codó, no semi-árido maranhense. Fui criada pela minha avó materna até os 7 anos de idade, quando ela faleceu e eu fui morar com meus pais. Foi nessa época que o meu pai começou a abusar de mim, me ameaçando com um facão. Meu pai era violento e batia sempre na minha mãe. Ele dizia que se eu contasse pra alguém o que acontecia, ele mataria a minha mãe e os meus irmãos. Isso durou dois anos: sempre que mamãe saía, ele me chamava para um quarto e, com o facão ao lado, *mexia* comigo. Eu não entendia muito bem o que acontecia.

Um tempo depois, ele começou a passar mal:

vomitava, tinha diarréia. Nós não sabíamos o que ele tinha. Sempre tomava remédios e, logo em seguida, melhorava. Ele foi ficando bem magro e depois morreu.

Com o passar do tempo, minha mãe começou a ter dor de barriga e seus cabelos começaram a cair. Ela ia ao médico daqui, tomava um remédio e retornava para casa. Mas sempre voltava a sentir as mesmas coisas. Um tempo depois ela resolveu ir a Teresina se consultar. O médico pediu vários exames, inclusive o de HIV, só para descartar as possibilidades – mas aí descobriu que ela era portadora. Ela se tratou durante um tempo e depois veio buscar os filhos para descobrir se nós tínhamos também. Eu tinha uns 9 anos quando fomos para Teresina e descobrimos que eu também era portadora

do vírus. O que os médicos não entendiam era porque só eu tinha, dentre todos os filhos. Daí, conversaram comigo sozinha e eu contei sobre os abusos que meu pai fazia comigo.

Durante muito tempo, eu não tinha nenhum sintoma. Eles só começaram a aparecer com mais intensidade depois que o meu filho nasceu: começou a aparecer um *roxo* no ombro, passei a apresentar febre, o meu cabelo foi caindo... Então o médico mandou ver a carga viral e constatamos que ela tinha aumentado. Agora tenho que tomar dois tipos de remédios e ficar acompanhando a carga viral sempre.

Mas valeu a pena, pois ter meu filho foi a realização de um sonho, era meu principal desejo e do pai dele também. Então, nós planejamos tudo, fomos ao médico antes para evitar que o meu companheiro se contaminasse também. Ele explicou todo o procedimento e deu certo. Hoje nós não moramos juntos, fomos nos afastando aos poucos. O meu filho também não é portador do HIV, sempre o levo ao médico para acompanhar a sua saúde.

Eu levo uma vida bem normal. Tenho várias amigas e elas sabem da minha doença e me respeitam. Agora também voltei a namorar e ele sabe de tudo, anda aqui, brinca com todo mundo. Minha mãe continua tomando os remédios também e a me acompanhar às consultas. Mesmo assim, viver com AIDS é difícil, não é fácil. Por exemplo, você vai numa

“Com o passar do tempo, minha mãe começou a ter dor de barriga e seus cabelos começaram a cair. Ela ia ao médico daqui, tomava um remédio e retornava para casa. Mas sempre voltava a sentir as mesmas coisas.”

balada, conhece uma pessoa normalmente e começa a ter um relacionamento sério. Então, é difícil chegar até aquela pessoa e contar. Assim aconteceu com esse meu namorado: foi difícil contar pra ele. Todos os dias eu *enrolava*, dizia que tinha algo pra contar, mas não tinha coragem. Um dia, a minha mãe nos chamou e contou tudo. Ele disse que já sabia, que os boatos correm rápido. Mas disse também que não seria por causa disso que nós iríamos mudar e que continuaríamos normalmente. Mas nem

toda pessoa aceita. Tem a falta de informação e a ignorância, que é grande.

Hoje, a minha casa é a sede provisória da ONG Nossa Senhora da Natividade, que apóia os portadores do vírus da Aids no município de Codó. Sempre tem muita gente aqui, pessoas que vêm do interior pra fazer exames e acompanhamento médico. A participação nas conferências sobre os direitos de soropositivos me ajudou muito, eu vi muitos exemplos de vida, de pessoas iguais a mim que têm superado os seus problemas. Conhecer as leis, como o ECA, também é importante. É lá que estão os direitos e os deveres das crianças e dos adolescentes. É a defesa deles. Na nossa ONG também temos alguns apoios, como o da Plan e de uma loja da cidade, a Paraíso Infantil.

Para o meu futuro, penso em terminar os meus estudos e me formar como secretária administrativa. Também quero ensinar o caminho do *bom viver* para o meu filho, educá-lo a aceitar as pessoas como elas são, sejam elas da raça que forem e do tipo de profissão que tiverem.

“Eu levo uma vida bem normal. Tenho várias amigas e elas sabem da minha doença e me respeitam. Agora também voltei a namorar e ele sabe de tudo, anda aqui, brinca com todo mundo. Minha mãe continua tomando os remédios também e a me acompanhar às consultas.”

HIV/AIDS

No Brasil, já foram registrados 69.219 casos de aids entre jovens menores de 24 anos. Isso representa 15,98% dos casos notificados de aids no País, desde o início da epidemia.

Entre os jovens, porém, a transmissão sexual não tem sido a única forma de exposição ao HIV. Na população entre 13 e 24 anos, a via sanguínea responde por 26,14% dos casos notificados de aids – sendo que em 94,09% desses casos a infecção foi decorrente do uso indevido de drogas injetáveis. A transmissão sexual representa 63,7% e a fonte de infecção é ignorada em 9,7% dos casos.

Os dados mais recentes mostram um aumento desigual da epidemia entre mulheres e, particularmente, entre jovens do sexo feminino, o que pode ser parcialmente explicado pelo fato de a iniciação sexual ocorrer, freqüentemente, com homens que já tiveram experiências sexuais anteriores e, portanto, maior possibilidade de exposição às doenças sexualmente transmissíveis. Na maioria dos casos, os homens mais velhos, temendo gravidez, mas sem se preocupar com a transmissão das DST e da aids, estimulam a jovem a usar anticoncepcional hormonal.

Jose é um exemplo vivo da estatística da Aids e suas novas tendências no Brasil: feminização, juvenização e interiorização.

Estamos vivendo uma modificação importante nas tendências da epidemia. A sua estabilização, ainda que em patamares elevados, vem sendo acompanhada de um crescimento desigual do número de casos novos entre populações em situação de desvantagem social.

Reduzir o estigma e a discriminação é ainda uma das principais medidas para uma eficaz e eficiente resposta à epidemia de AIDS e isso envolve diretamente as pessoas vivendo com HIV/AIDS e as populações mais vulneráveis à epidemia às doenças sexualmente transmissíveis.

Fonte: Diretrizes para Implementação do Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas – Ministério da Saúde – Manual 77

Luan

A decorative flourish consisting of a horizontal line with a small diamond shape in the center, extending outwards to the left and right.



IFAN
UNICEF

IFAN

IFAN

Meu nome é Luan, nasci em São Luís e moro no bairro do Coroadinho. A origem da minha família é do interior do estado. Meus avós maternos eram de Pinheiro, enquanto os paternos eram de Mirinzal.

Os pais da minha mãe vieram pra cá novos, ainda. Eles contam que lá tinham *tudinho*: plantação de cafezal, coisas assim. Mas, ele foi perdendo tudo porque era muito jovem e, digamos assim: muito *encasquetado*, por causa de mulher. Assim, foi perdendo as coisas dele: perdeu o gado que tinha, as outras plantações. Meus avós contavam que gostavam de beber muita cachaça e de pescar em um rio que passava no quintal da casa deles. Eu sempre tive a maior vontade de ir lá, conhecer. Mas nunca fui.

Também dizem que o meu avô era muito mau e que lá no interior todo mundo tinha medo dele. Então, ele veio pra cá, quando minha mãe era *bebezinha* ainda. Depois, a minha avó foi adoecendo, adoecendo, até que chegou ao ponto de falecer. Já o meu avô está até hoje aí!

Eu fui nascido e criado com eles. Desde pequeno, eu sempre morei com eles. Só depois de grande que me mudei pra casa do meu pai. A minha mãe faleceu quando eu tinha 13 anos de idade. Ela era muito inteligente, gostava de estudar. Faleceu nova ainda. Quando ela era criança, sei que apanhava muito do meu avô, por que ele era meio malvado e batia por qualquer coisa. Teve até uma vez em que ele jogou uma tia no fogo, em um braseiro. Alguns filhos chegaram a fugir dele vindo pra cá.

A minha casa sempre foi grande, tinha com um barracão *porreta*, pois minha avó tinha um

tambor [*terreiro de mina*]. Eu sempre vivi nela com meu irmão, o Lauanderson. Além dele, tenho um primo que considero como irmão – tenho até o nome dele tatuado aqui no braço: Sidnei.

A minha família era bem sucedida. Até despertava a inveja de uns. Hoje está boa, mas não é como antigamente. A minha mãe trabalhava. Ela vendia ouro, Avon, coisas assim. Ela era maravilhosa, nem tenho palavras pra falar dela: o carinho, o amor de mãe... Meu pai sempre foi um trabalhador mesmo, pedreiro. Ele sempre foi um pai bom! Há pouco tempo é que começamos a nos desentender com ele, saímos de casa. Ele se juntou com uma mulher que não deu certo. Mas papai é um pai bom, graças a Deus!

Quando eu era pequeno, era bem gordão. Eles me chamavam até de *bolinha*. Só que aconteceu um acidente comigo quando eu tinha 13 anos, e eu fui emagrecendo. Foi um tiro que levei acidentalmente, quando estava saindo de um jogo de bola. Aliás, quando eu era criança, o que eu mais gostava de fazer era jogar bola. Também brincava de chutar lata, *rouba-bandeira*, peteca [*bolinha de gude*]... Cheguei até a apanhar por causa de peteca, porque eu era muito viciado nesse jogo. Também gostava muito de estudar. Desde pequeno, mamãe sempre pegou em nosso pé pra estudarmos. Primeiro estudei na Escola Paroquial, depois na [*Unidade*

Integrada] Darcy Ribeiro, a única escola da qual eu não gostei – quase eu fico reprovado só por não gostar de estudar lá. Fiquei só um ano, a 5ª série. Mas eu não gostava, fugia, fazia um monte de coisas erradas, brigava – e eu nem era de brigar, nessa época. Depois fui pra Fundação Bradesco, onde fiquei da 6ª série até o 1º ano, quando abandonei a escola. Lá era bem rigoroso. Era uma luta pra conseguir uma vaga. Minha mãe lutava por essa vaga há um bom tempo, até que conseguiu. Lá era *massa!* Principalmente o esporte, a hora do recreio, as brincadeiras e a sala de computação. Até hoje tenho amigos de lá.

Quando nós éramos crianças, tínhamos tudo, do bom e do melhor. Com certeza, posso dizer que os meus direitos foram respeitados: eu tinha tudo o que queria, tinha amizade, colégio, essas coisas. Tudo começou a mudar depois do acidente com o tiro. Minha mãe já estava doente e internada no hospital. Foi nesse tempo que ela faleceu e nada mais ficou como antes... *Tudinho* diferente. Mudou o nosso jeito, meu e de meu irmão.

Eu levei o tiro quando eu estava brincando. Desde pequeno, sempre tive interesse em armas, quando eu olhava uma ficava admirado. Uma vez nós estávamos brincando com o violão de um menino que morava em frente à nossa casa. De repente, ele disse que o pai dele tinha uma arma e nós ficamos curiosos pra ver. Então

ele mostrou pra gente e guardou. Depois, o meu irmão foi e lá e pegou a arma escondido. Nem eu sabia que meu irmão tinha feito isso. Aí o vizinho disse que a arma tinha sumido. Eu fiquei surpreso, mas o meu irmão disse: “Sumiu? Sumiu foi nada!”, e mostrou a arma que estava guardada debaixo do traveseiro dele. Eu peguei a arma e fiquei o dia todo com ela: comprei umas coisas, andei pra todo lado. Eu era pequeno, ainda, e ninguém percebeu. Naquele dia, meu pai estava com minha mãe no hospital. Quando os meninos começaram a brincar de bola, eu tive que tirar a arma – enrolei na camisa e coloquei em cima da calçada. Aí, os *moleques* com brincadeira, brincadeira de criança mesmo, começaram a apontar um para o outro. Mas ela estava com duas balas dentro e acabou sobrando pra mim: meu primo disparou sem querer. Eu nem percebi que o tiro tinha pegado em mim. Quando ouvi o barulho, ainda fiquei procurando pra onde tinha ido. Comecei a sentir a minha vista pesada. Olhei: um monte de sangue. Aí as pessoas começaram a sair na rua. Fui atendido, mas a bala ficou dentro de mim por mais de um ano. Então, comecei a sentir umas dores, a emagrecer. O médico disse que, se eu não operasse, poderia ficar em uma cadeira de rodas. Fiz a cirurgia e perdi um pouco do movimento de umas das pernas, mas deu tudo certo.

Depois disso e da morte da minha mãe, eu e meu irmão começamos a entrar nesse mundo

errado e, quando nos espantamos, nós já éramos o terror do bairro. Começamos a ficar maus *que só*. Meu irmão chegou até a levar uma facada e eu, por minha vez, andei dando outras. A família nos jogava de um lado pra outro, pra casa dos parentes, tentando dar um jeito. Mas nunca mudávamos: era o mesmo jeito. A gente ainda ficava pior. Na rua, o pessoal já olhava e dizia: “*Éguas*, lá vêm os dois irmãos!”. E entravam logo em casa.

Nós bebíamos muito, usávamos muita droga, de todo tipo: maconha, merla. Só andávamos armados. Era daquele jeito... Uma vez, meu avô tirou mil reais de empréstimo pra fazer um muro. Acabou não fazendo muro nenhum. Nós gastamos tudo com drogas e bebida. Depois, começamos a vender droga, traficar.

Quando me mandavam pra casa da minha tia, eu ficava dois, três meses e não agüentava: voltava pra cá. Lá morava o meu primo que eu considero como irmão. Nós éramos bem tratados, como irmãos mesmo. Quando a minha mãe morreu, essa tia que ficou mãe da gente. Eles evitavam ao máximo que saíssemos na rua. Mas não adiantava. Também fizemos amizade lá. A *molecada* toda se reunia em um campinho de futebol pra usar droga.

Nesse tempo, eu já tinha parado de estudar. Só gostava de mulher, droga, arma. Eu gostava de ir a um bar que minha irmã tem lá no Coroadó, mas nós quase sempre fazíamos tudo era em

casa mesmo. Fazíamos festas no quintal com o dinheiro ganhávamos. Às vezes, passávamos sexta, sábado, domingo, segunda, direto, sem parar. E os vizinhos com raiva da gente e a gente com raiva deles, por que falavam mal. Mas o dinheiro era amaldiçoado: quanto mais ganhávamos, mais gastávamos. Já aconteceu de não termos mais nada e vendermos toda a nossa roupa pra comprar drogas. Ficávamos só com uma bermuda mesmo.

Nessa época, meu irmão foi logo *cobrado*. Ficou preso uma vez, por um mês. Depois, mesmo assim, nós continuamos: fumo, fumo. Até os traficantes da boca de fumo perto de casa tinha medo da gente... Deus livrou muito a gente de morrer pelas mãos dos outros. Mas também, ele livrou muito a gente de matar, porque a nossa intenção era só essa. Nossa intenção era maligna: nosso pensamento era só de matar os outros. Mas, graças a Deus, Deus nunca deixou. Uma vez, tentaram entrar em nossa casa pra nos matar. Era noite e já estávamos dormindo. Quebraram a janela, mas não conseguiram entrar. Nós estávamos armados. Só que, naquele dia, até a arma falhou! Não saiu uma bala de dentro...

A coisa chegou a um ponto que nem nós agüentávamos mais: nós já estávamos demais, demais mesmo! Nós vimos que, ou a gente saía dessa vida, ou íamos morrer. Ou íamos começar a matar um monte de gente. Não dava mais

**“Aquele foi
melhor dia da minha
vida, o dia em que
eu saí desse mundo...
Algumas pessoas
diziam até que
nós não tínhamos
mais jeito, porque
nós éramos demais
mesmo, demais...”**

pra gente. Era muita maldade que fazíamos... Também, já estávamos sentindo um pouco de medo, então era o tempo de parar. Quando a pessoa sente medo assim, é o tempo da pessoa parar. Se não parar e forçar, mais pra frente ele vai morrer, com certeza.

Na verdade, foi Deus que tirou a gente disso. Nós fomos saindo porque estávamos usando drogas demais. Às vezes, nós comprávamos pra vender e acabávamos fumando tudo. Já estávamos começando a nos sentir mal. Meu irmão passava mal toda vez que fumava e eu cheguei a passar uns cinco dias doente, direto. Então, meu irmão foi para a Igreja. E eu ainda

continuei. Até que um dia, eu disse: “*Rapaz, eu vou sair!*”. E eu saí mesmo, em nome de Jesus Cristo!

Tem um pastor que mora perto da nossa casa, o Pastor Henrique, que sempre passava e falava conosco. Ele também era assim, como a gente: mal *que só!* Mas hoje ele é pastor. Então, ele conversava com a gente, falava... Um dia eu estava em casa, já estava determinado. Eu tinha bebido demais há uns dias e estava *malzão*, doente mesmo. Não queria nem comer, com dor de cabeça, deitado. Eu pensei: “Quarta-feira [*dia do culto*] eu vou lá na Igreja... Vou lá na frente e vou aceitar Jesus como o único salvador da minha vida!”. Quando chegou a quarta-feira, eu fui. No final do culto, quando o pastor perguntou se alguém queria aceitar Jesus depois da palavra que tinha ouvido, eu fui lá na frente e disse que queria.

Ah! Aquele foi o melhor dia da minha vida, o dia em que eu saí desse mundo... Algumas pessoas diziam até que nós não tínhamos mais jeito, porque nós éramos demais mesmo, demais, demais, demais! As pessoas olhavam e só criticavam a gente, se perguntavam como tínhamos ficado assim. A própria família também se perguntava, ficava revoltada. Mas nós decidimos parar.

Lá na Igreja nós pregamos *a palavra*, dirigimos o culto quando o pastor chega cansado do trabalho. Antigamente, nós éramos

usados pelo diabo, agora nós somos usados por Deus. Nós pregamos, oramos, louvamos e, aos domingos, saímos também às ruas, de casa em casa, para evangelizar as pessoas. A primeira evangelização minha foi nas casas dos colegas que eram daquele mesmo mundo que eu. Eles me olhavam, assim como estou hoje, e nem acreditavam. Uma vez, um menino abriu a porta e ficou parado um monte de tempo me olhando, sem acreditar. Em outro tempo, já tínhamos *caído* de tiro no irmão dele. Mas não pegou nenhum, graças a Deus!

Desde nossa entrada na Igreja, tudo foi muito rápido. Normalmente, logo que um *cara* entra, vai de pouquinho... Nós não, nós já entramos sendo usados por Deus tremendamente! Um dia teve um culto na porta da nossa casa – me lembro como se fosse ontem. A minha tia veio, meu tio, que é pastor, também. Todos na nossa porta: os irmãos, o pessoal da rua. Então, o pastor falou muito sobre como nós éramos e, depois, falou como nós somos hoje. Minha tia também falou da nossa história. Saiu até lágrima do meu olho nesse dia. Minha tia chorando... Nós estávamos demais, demais... Depois que entramos na Igreja mudou tudo em nossa vida.

Naquela fase, ninguém nos respeitava. Também, nós não respeitávamos ninguém, como é que íamos querer ter respeito? Foi um tempo de desespero mesmo. Hoje em dia, nós nos orgulhamos do que somos como pessoas,

todos se admiram da gente. Mas como jovens, vemos que nossos direitos não são respeitados. Os políticos *enrolam* e não fazem nada de bom. Pra conseguir alguma coisa, é muito difícil, tem que se humilhar. Eu não faço isso, não!

Eu vejo muitas crianças, *moleques* que já estão nascendo e crescendo naquele mundo, um mundo tenebroso em que vivíamos. Eu fico olhando, chateado. Vejo esses *caras* com tanto dinheiro e não fazem nada. Eu tenho vontade de ajudar as pessoas, essas famílias. Vejo na televisão crianças passando fome, as pessoas, as mães, naquelas casas. A *molecada* daquele jeito, sem ter nada pra comer. Fico até triste.

O sonho que eu tinha antes era de sair daquele mundo. E saí. Meu objetivo agora é ser um grande pastor. Eu quero estar em um palco, como passa na televisão. Eu assisto aqueles pastores de outros Estados, pregando a palavra de Deus, e acho muito bonito. Aí eu digo “Quero ser desse jeito!”. Meu sonho agora é esse!

Achei interessante contar a minha história para outras pessoas conhecerem. Dá pra ver o que o *cara* já foi, e hoje, o que a pessoa é. Todo mundo pode mudar, se tiver uma chance.

Promovendo a cultura de paz

A violência urbana entre jovens é um problema que vem se agravando no Maranhão, especialmente nas áreas periféricas da capital. O surgimento de gangues, galeras e conflitos violentos entre adolescentes vem chamando a atenção de estudiosos e organizações que atuam em defesa dos direitos de crianças, adolescentes e jovens.

Uma delas é o Instituto da Infância (IFAN), organização não-governamental cearense que atua também no Maranhão. Com base nos dados de pesquisa realizada em 2004, no bairro do Coroadinho, em São Luís, o instituto iniciou o projeto Paz Juvenil, visando reduzir os conflitos intergangues na área. Foram envolvidos jovens entre 12 e 21 anos, através de metodologias de capacitação e educação de pares, da criação de uma cultura de paz entre as gangues juvenis do bairro e da implementação de estratégias de participação infanto-juvenil que influenciem positivamente na formação cidadã dos adolescentes e jovens.

As ações sócio-educativas são focadas na convivência inter-pessoal desenvolvidas pelo ateliê de escrita (com atividades de dança, música, produção literária, concursos e o estudo de temáticas sobre a juventude) e pelos grupos de jovens Voluntários da Paz.

Natália

A decorative flourish consisting of a horizontal line with a small diamond shape in the center, extending outwards to the left and right.



Meu nome é Natália, nasci e moro em São Luís do Maranhão. Tenho poucas lembranças dos meus avós, que praticamente não conheci, com exceção da minha avó Lauzina, mãe da minha mãe. Ela morreu há muito pouco tempo – estava muito doente, andando de cadeira de rodas, se alimentando pela sonda, tomando vários remédios...

Na verdade, sei pouco da história da minha família. Minha mãe não me conta essas coisas. Mas ela me disse que sofreu muito, porque quando ela estava grávida de um dos meus irmãos mais velhos, meu pai a deixava em casa morrendo de fome, só com uns peixinhos para comer. Era no interior de Alcântara, um município do Maranhão. A minha mãe, na verdade, é daqui. Ela foi morar em Alcântara com uma tia e acabou arrumando marido por lá.

Depois, eles vieram pra cá e eu nasci. Morávamos em um terreno aqui mesmo no bairro do Jaracati, mas a casa queimou e eu

comecei a pedir ajuda nas ruas pra refazer nossa casa. Naquela época, meus pais já tinham se separado – não convivi com ele nem um pouquinho. Nós passávamos muita fome, pois o trabalho da minha mãe era só vender carvão.

Logo depois, minha mãe comprou um terreno, mas a casa caiu. Aí pedimos ajuda para o prefeito, na época. Fizemos uma nova casa [*palafita*], mas então minha mãe caiu da ponte e, desde esse dia, não consegue mais andar direito. Só anda mancando.

A gente vive assim: tem dia que não tem o que comer, não tem açúcar, nem café. Aí vou para o Shopping São Luís pedir comida. Peço dinheiro por aí desde os 5 anos. Muita gente dá, entende que estou realmente precisando. Muitas *patroas* vêm aqui em casa ajudar. Mas tem muita gente que não entende. Quando minha mãe falava pra mim, chorando, que estava com fome, eu ficava machucada e saía para pedir dinheiro na rua. As pessoas ficavam me dizendo pra ir trabalhar. Eu ficava com minha *cara no chão*.

Nós somos cinco irmãos: três homens, duas

mulheres. Quando nós estamos passando necessidade, ainda hoje eu peço comida. Meus irmãos não. Eles ficam vigiando carro. O Antônio José e o *Careca* são flanelinhas. Um deles, o Cláudio, mora com meu tio, no bairro da Camboa, pois tem uma doença que eu não sei qual é. A minha irmã já tem marido. Ela se chama Maria da Paixão.

Hoje, minha mãe tem outro marido. Ela mora aqui, mas vai todo dia na *invasão* aqui ao lado para lá cuidar do meu padrasto, porque ele é um senhor de idade, doente, tem um problema no coração... Ela vai lá para lavar a roupa dele. Antes ele morava aqui, na nossa casa, mas como a casa está caindo e lá tem outra casa melhor, mamãe pediu pra ele ir pra lá. Ele é aposentado e ajuda ela, compra o remédio que ela precisa e que é muito caro, dá comida pra ela. Eu o considero meu pai verdadeiro, porque foi ele que me criou, me deu dinheiro, me deu conselho... Um *bocado* de coisas ele me deu.

Quando eu era pequena, queria ser modelo. Eu tinha 5 anos e fazíamos aula de modelo, eu e as meninas. Pegávamos uma coisa grande, um pano, e amarrávamos na cabeça para ficar com o *cabelão*. E começávamos a rebolar e desfilar. Também brincava de outras coisas, como basquete e queimado, mas minha brincadeira preferida era de ser modelo.

Hoje eu não sonho mais em ser modelo. Aliás, eu nem tenho sonho. Não dá pra ter. Sou muito pobre, não tenho dinheiro, sei escrever

“ Hoje eu não sonho mais em ser modelo. Aliás, eu nem tenho sonho. Não dá pra ter. ”

pouco, não tenho roupa bacana...

Na escola, eu brigava muito. As meninas mexiam no meu lápis, eu já queria dar *bogue* [*soco*], dar *casculo*.

Eu nem estudei direito. Nem sei ler, mesmo tendo feito até a 3ª série. Como eu gostava muito de *reggae*, eu dizia que ia pro colégio e, na verdade, para o Cultura [*Bar*], perto do Centro. Eu tinha 13 anos, mas eles me deixavam entrar. Era toda sexta-feira à noite. Eu estudava à noite porque não gostava de estudar de manhã ou à tarde. Eu vendia bombons nesses horários.

Eu sempre fui meio briguenta – eu não era nenhuma santa... Quando eu tinha meus 14 anos, tinha uma *queixa* com uma menina. Nós brigamos por causa de *fluxico*. Nessa briga, que aconteceu na praia, dei uns tapas nela e ela desmaiou.

Mas aí teve uma segunda briga, na casa do

meu primo. Naquele dia, todo mundo estava bebendo chope e eu também queria beber. Queria ficar *lombrada* e bebi cachaça. Quando a gente bebe, vira bicho. Eu nem me lembrava mais dessa menina. Aí chegaram dois meninos – um deles até que *ficava* comigo. Um segurou meu braço e a menina me deu uma facada na barriga. Na hora, nem saiu sangue, porque eu estava drogada. Ficou *preso*. Eu usava maconha, mas nem comprava – usava dos outros. Eu nem sabia o que tava usando, *ficava lombrada*.

Eu passei uma semana internada. Quando melhorei, a *dona* Márcia, da Fumcas [*então Fundação Municipal da Criança e Assistência Social, hoje Secretaria*] me levou pra um *orfanato* [*abrigo*]. Eu saí do Socorrão II e fui para um *orfanato* lá perto. Só que eu queria ir para casa, pois estava com saudades da minha mãe. Mas como ainda não tinha me recuperado ainda, os pontos da cirurgia abriram, comecei a passar mal. Tive que voltar para o hospital.

Eu e *dona* Márcia ainda fomos *dar parte* [*na Polícia*], mas não fizeram nada. Então, eu disse que quando pegasse ela [*a menina*], iria fazer pior. Então o policial disse que, se eu matasse ela, seria presa. Mas o cara que me segurou era maior de idade e ela também - mesmo assim não fizeram nada com eles até hoje, nunca foram presos.

Nessa história, os meus direitos não foram respeitados. E não foi a primeira vez. Um dia, de manhã, quando eu tinha 12 anos, eu

estava pedindo no sinal. Então chegou um *cara* dizendo que iria ajudar minha família, que iria comprar comida e me dar dinheiro. Aí eu entrei no carro dele e ele tentou me estuprar, mas a Polícia chegou e não o deixou fazer mais nada. Só chegou a colocar a mão na minha vagina. No final, ele nem foi preso, porque tinha dinheiro, era muito rico. Eu não pude fazer nada, pois ele ameaçou matar minha família. É por isso que eu não acredito na Polícia.

Só quem me ajudou de verdade foi o pessoal da Fumcas. Eu ficava na rua, dormia no sinal da Forquilha [*bairro*] e a *dona* Márcia me achou lá, quando eu era bem menor. Ela me dava muitas coisas mesmo, me ajudava, sentava para conversar com a gente. Nessa época, eu usava muita droga, cheirava cola, solvente. Eu nem ligava para as coisas, chegava a ficar um mês sem vir em casa... Mas ela me chamava a atenção, me falava de coisas certas... Às vezes eu ia lá também. Nós dançávamos, deixavam a gente desenhar, lancher. Também aprendi a fazer bijuterias, a usar o computador. Nós também íamos pro Circo [*Escola*]. Foi uma experiência boa. Me ensinou a ser educada, a respeitar os outros. Antes, quando as pessoas falavam comigo, eu dizia: “Qual é, doido?! Tá tudo aí”. Eu falava muita *malandragem*. Agora, respeito muita gente e elas me respeitam também. Também aprendi a dar conselhos para os outros que não sabem. Dizer que o que fazem não dá futuro.

Hoje eu não fumo mais, só cigarro. Também decidi voltar pra casa por causa da minha mãe. Meu coração batia forte por causa dela. Eu trazia dinheiro e roupa pra ela e ela chorava, pedindo pra eu voltar. Depois eu morei na casa de uma colega minha. Aí a *dona* Márcia veio me buscar. Esse período foi bom, pois lá eu não passava fome. Eu ia pro pagode. Agora não vou mais não, por que nem tenho roupa bacana pra ir...

Pra falar a verdade, eu não gosto mais de fazer nadinha. O meu sonho era ser modelo, mas não tenho mais nada, não. Eu fico só brincando de desfilhar, sozinha.

Eu acho que as pessoas deveriam respeitar os nossos direitos, nossos sonhos. Porque quando somos crianças, se o nosso sonho se realizar, se realiza o delas também. Hoje, o único sonho que ainda tenho é o de morar só.

Para todas as crianças, eu gostaria que elas pudessem estudar, ter o estudo que eu não tive. Estudar é tão bom! Aprender a ler, a escrever e levar pra frente todos os sonhos que tiverem.

Eu gostei de contar a minha história porque estava me sentindo só, sem falar com ninguém. Agora me sinto mais aliviada.

Situação de rua

Crianças e adolescentes em situação de rua são responsabilidade de toda a sociedade, em geral. Mas, particularmente, dos responsáveis pela execução das políticas que visam garantir os direitos humanos e sociais e oferecer oportunidades de desenvolvimento aos meninos e meninas.

Em São Luís, a Rede Amiga da Criança, uma articulação de 24 organizações governamentais e não-governamentais, que tem como foco garantir os direitos das crianças e adolescentes, especialmente as que estão em risco de vivenciar situações de rua, as que já vivem ou estão em processo de sair delas.

Para a Rede, são crianças e adolescentes em situação de rua todas as que utilizam o espaço público seja para subsistência, trabalho ou moradia; ou ainda por todos estes motivos juntos. Vivendo nas ruas das cidades, meninos e meninas apresentam diversas situações de vida: trabalham nas ruas e mantêm vínculo familiar estável; trabalham nas ruas e mantêm vínculo familiar instável; vivem nas ruas e mantêm vínculo familiar e vivem nas ruas sem vínculo familiar.

Rayara





Meu nome é Rayara, nasci na cidade de Imperatriz e sou indígena, da tribo dos Gujajaras. Passei a infância na aldeia e ainda hoje moro lá, assim como meus avós. Mas, de vez em quando, eu fico em nossa casa, na cidade de Amarante. Atualmente, só minha avó materna é viva. Meu avô morreu de anemia. Ele era agricultor. Minha avó, até hoje, vive o dia inteiro na roça, apanhando fava, arroz... Todo dia é assim. Ela só pára na hora do almoço e na hora de dormir, à noite.

Minha mãe nasceu e viveu na aldeia, mas casou com um branco, criado no sertão. Ela é muito boa, me dá presentes, me mimar. Meu pai também era *gente boa* demais, me dava carinho... Mas morreu de anemia também, como o pai da

minha mãe. Os dois também trabalhavam na roça e eles ficaram juntos por 18 anos. Tenho ainda uma irmã de 19 anos e um irmão de 16.

Na minha infância, eu era *danada*. Nasci às dez horas do dia e ainda hoje sou danada. Eu gostava muito de brincar, principalmente de jogar bola e *pular elástico*...

Eu comecei a estudar com seis anos. Naquela época, a aldeia já quase não falava a minha língua. Agora eu estou estudando a língua indígena na escola, para que ela não se perca. Eu sempre fui esperta na escola, uma boa aluna. Minha mãe nunca teve reclamação.

Quando eu comecei a ficar adolescente, eu andava toda suja e minha mãe me chamava a atenção, falando que eu não era mais criança e que eu precisava *colocar a cabeça no lugar*. Sempre

morei com a minha mãe. Antes nós morávamos em uma casa de barro, mas meu pai deixou uma casa de alvenaria para gente.

Eu tenho muitos amigos. Nós gostamos de andar, de ir pra festa. Eu gosto de folia e às vezes saio um dia inteiro e só volto no outro. Minha mãe me dá conselho, fica preocupada. Mas quando eu chego, ela se tranqüiliza.

Eu tive meu primeiro filho aos 14 anos: uma menina. Conheci o pai dela em uma movelaria – eu ia passando e ele me chamou. Daí, começamos a nos conhecer. Ele é paraibano, vinha para minha casa, em Amarante, e eu ia pra casa dele. Minha mãe nem sabia da existência dele, por que ela ficava só na aldeia, com meu pai... Quando fiquei grávida, ele dizia que a filha não era dele, mas comprou o enxoval todo.

Eu acho bom ser mãe mas, na época, eu não sabia - ia tomar remédio para perder o bebê, mas não deixaram. Depois que ela nasceu, ele queria morar comigo e eu não quis. Quando eu me arrependi, já era tarde demais, pois ele já tinha ido para o município de Buriticupu. Quem cuida da minha filha é a minha mãe. É por isso que ela só me chama de mãe quando quer alguma coisa.

Já o pai do meu filho eu conheci em uma festa, em Amarante. Nós saímos juntos por quase três anos, só que ele é casado, tinha a família dele, coisa que eu só vim saber depois. A mulher

“ Eu comecei a estudar com seis anos. Naquela época, aldeia já quase não falava a minha língua. Agora eu estou estudando a língua indígena na escola, para que ela não se perca. ”

dele descobriu tudo e eu cheguei ainda a brigar com ela, mas depois o *larguei de mão*. Quando engravidei, já estávamos saindo há mais de dois anos. Ele assumiu, deu as coisas pro bebê, mas não o registrou porque o povo falou que não parecia com ele e que era melhor fazer um exame de DNA. Eu me zanguei e o registrei sozinha. Mesmo assim, ele tem contato com a criança, às vezes o leva para passar o dia com ele. Hoje o meu filho tem oito meses e quem cuida dele é minha mãe. Eu só cuido de vez em quando.

Eu trabalho na *casa alheia* fazendo faxina quatro vezes por semana, na casa do meu tio e, às vezes, em Amarante. Eu recebo duzentos e cinqüenta reais por mês.

Na aldeia nós temos festas importantes para o povo. Para os homens, há a *Festa do Rapaz*. Eles são pintados, cobertos de pena e ficam pulando de um lado para o outro na resina. Já as meninas têm a *Festa da Menina Moça*. Elas ficam só de saia, cheias de pena e são pintadas de preto com genipapo. A festa acontece quando a menina fica menstruada pela primeira vez. Ela fica três dias na *tocaia*, sem ser vista por ninguém – passa a noite dançando e, no outro dia, tem a festa. No ritual, tem muitos mitos: não pode se coçar e nem *banhar*, por que pode acontecer alguma coisa errada. Na minha vez, três meninas ficaram comigo na *tocaia*. Nós ficamos dançando, paramos só para dormir e, de madrugada, acordamos para acabar a festa.

Recentemente, eu participei do encontro de jovens na FUNAI [*Fundação Nacional do Índio*] e foi muito bom. De cada aldeia foram quatro representantes. Ficamos debatendo vários projetos para a aldeia, especialmente na área de saneamento básico. Viver na aldeia é bem legal. Mas nós temos que lutar mais pelas causas que estão esquecidas, como a cultura dos Guajajaras.

Eu nunca tinha ouvido falar desse Estatuto da Criança e do Adolescente, mas acho

importante, porque acredito que todas as crianças devem ter um colégio bom, uma saúde melhor. Precisamos disso na aldeia. Quanto a mim, neste momento, o que eu quero mesmo é ficar com minha família, terminar os estudos e ter um emprego. Esse é o meu sonho.

“ Viver na aldeia é bem legal. Mas nós temos que lutar mais pelas causas que estão esquecidas, como a cultura dos Guajajaras. ”

Grave cenário

Indicadores apontam que aproximadamente 30% das crianças indígenas maranhenses menores de cinco anos têm peso considerado baixo para a idade. É mais que o dobro da média nacional, que não ultrapassa os 12%. Entretanto, a cobertura do Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional (Sisvan) em terras indígenas maranhenses é a menor do país (apenas 6% do total), o que leva a crer que esse quadro pode ser ainda pior.

Para chegar a estes números, foram analisados os indicadores de 38 Distritos Sanitários Especiais Indígenas (Dsei), unidades de responsabilidade sanitária federal correspondente a uma ou mais terras indígenas.

Esse cenário aponta para a necessidade urgente de desenvolvimento de políticas públicas voltadas especificamente para esta população.

Sarah

A decorative flourish consisting of a horizontal line with a small diamond shape in the center, extending outwards to the left and right.



Meu nome é Sarah, nasci em Imperatriz, no sul do Maranhão, que também é a cidade de origem da família da minha mãe. É uma família grande: tenho quatro tios e quatro tias. Eles nasceram e viveram aqui em Imperatriz, vivem juntos e são pessoas trabalhadoras. A infância da minha mãe foi bem normal, ela foi uma criança criada pelos pais junto com oito irmãos, brincando e estudando.

Já a família do meu pai veio de Minas Gerais e Goiás. Tenho meu avô e mais quatro tios por parte de pai - todos trabalham em regiões de Imperatriz. Minha avó já faleceu. Meu pai estudou só até a 5º série, mas teve uma infância boa junto dos pais e irmãos. Como estudou pouco, o meu avô o colocou para trabalhar com

ele na usina de arroz.

Meus pais se conheceram na fazenda. Segundo eles, a minha gestação foi tranqüila e o pré-natal foi feito certinho. Mas, quando eu nasci, descobriram que eu era surda e que tinha um glaucoma no olho. Cuidaram de mim logo cedo, levando pra Goiânia e São Paulo, mas acabei perdendo uma visão. Meus pais e avós sempre me ajudaram e até hoje ajudam. Me dão muito carinho. Por conta disso, mesmo com os problemas de saúde, eu brinquei e estudei como qualquer criança. Eu gostava muito de brincar de boneca, de amarelinha, de casinha, de nadar com as amigas, fazer desenhos... Isso me deixava muito feliz!

A minha família é muito importante pra mim. O meu pai é legal, muito bonito e me dá

muito carinho. Quando eu era criança, também cuidou de mim. Depois ele e minha mãe se separaram e eu ganhei dois irmãos: Leonardo e Gabrielle. Hoje eu vivo com minha mãe e avós. Minha mãe me ensina coisas maravilhosas e sempre diz para eu ter cuidado.

A minha casa é muito agradável. No meu quarto, a cama é muito boa. Tem televisão perto. A sala de visitas, ao lado, sempre tem pessoas conversando no sofá. O banheiro é limpo...

Mas, mesmo com o apoio da minha família, algumas coisas foram difíceis. Na minha infância, eu ainda não sabia como me expressar na hora de brincar e na escola. Eu não entendia tudo. Nos meus primeiros dias de escola eu chorava muito e minha mãe precisava ficar comigo. A escola era muito boa, particular, tinha quase tudo. Entretanto, minha mãe dizia que não estava satisfeita porque não havia Libras [*Língua Brasileira de Sinais*]. Isso a incomodava.

Agora na minha adolescência, gosto de sair com os amigos. Nós nos reunimos para brincar, nadar, passear. Sempre saio com grupos de surdos, mas gosto de sair com os ouvintes também. Também virei professora: aos sábados sou instrutora de Libras. Eu gosto muito, pois aprendo mais. Quando um surdo aprende a se comunicar através das Libras, consegue defender melhor seus direitos.

Quando eu tinha mais ou menos 13 anos, assisti a uma palestra sobre o Estatuto da

“Na minha infância, eu ainda não sabia como me expressar na hora de brincar e na escola. Eu não entendia tudo. Nos meus primeiros dias de escola eu chorava muito e minha mãe precisava ficar comigo.”

Criança e do Adolescente (ECA). Sei que ele trata dos direitos das crianças e dos adolescentes. Fala de aprendizados e de respeito. Eu lembro que, quando criança, tive alguns problemas de desrespeito aos meus direitos. Hoje, que eu cresci, meus pais me ensinam sobre leis. Tenho que aprender e entender isso pra fazer valer meus direitos. Um exemplo é o uso de Libras. Às vezes, as diferentes pessoas não entendem que eu uso Libras para me comunicar. Tenho o direito de usá-las e de exigir esse direito, pois mereço respeito. O ECA fala que todo adolescente merece ter respeito. É uma lei muito importante, pois ajuda as pessoas no

desenvolvimento, crescimento, educação.

Hoje eu sou estudante, também trabalho... No futuro, pretendo fazer faculdade, mas ainda não me decidi de quê. Tenho três alternativas: Odontologia, Superior de Libras ou Zootecnia. Estou pensando ainda. Para as outras crianças, desejo que cresçam, se desenvolvam, possam estudar, que tenham seus direitos respeitados e possam fazer faculdade

Contar a minha historia desde a infância, falar dos meus pais, do meu ensino... Foi muito importante, pois no futuro desejo fazer faculdade e quero que os outros surdos também possam ler sobre isso. Sabendo da minha experiência, quem sabe eles se sentem motivados a fazer o mesmo?

*Tradutora de Libras:
Francisca Melo Cigapito*

Educação inclusiva

No Maranhão, de uma população de 5,6 milhões de habitantes, cerca de 16%, têm algum tipo de deficiência. Para atender a parte deste contingente populacional que ainda está em idade escolar, o sistema de ensino público estadual, desenvolve programas de atendimento especializado tanto em classes comuns, como em classes especiais. Este ano, foram registrados 2.873 estudantes caracterizados como público-alvo da educação especial, sendo 1.179 em classes comuns e 1.694 em classes especiais.

É ainda um número pequeno, se comparado com a real necessidade, mas já é um grande avanço se comparado com anos anteriores.

Para estas crianças e adolescentes resta ainda o desafio de vencer o forte preconceito em outras áreas do convívio social, como na inserção no mundo do trabalho.

Diferentes e emocionantes histórias de jovens transbordam das páginas deste livro. Em comum: o fato de estarem completando 18 anos de vida no mesmo ano em que o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) chega à maioridade.

Conheça as dificuldades e conquistas desses jovens absolutamente especiais, mas iguais a tantos outros jovens maranhenses, e que representam, em sua singularidade, toda uma geração que já nasceu sob uma nova ótica dos direitos humanos infanto-juvenis.

Realização

Patronia

Patrocínio

